



GRUPO DE ESTUDOS
SOBRE ESPORTE
CULTURA E HISTÓRIA

COLEÇÃO GRECCO

**RESENHAS DE ARQUIBANCADA:
PUBLICAÇÕES DO GRECCO NO LUDOPÉDIO**

**Luiza Aguiar dos Anjos
(Organizadora)**



Apresentação da Coleção

A coleção GRECCO é um projeto editorial do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História, vinculado ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Visa a publicação de livros eletrônicos privilegiando obras clássicas e contemporâneas no campo da Educação Física em interface com as Ciências Sociais e Humanas. História, Memória, Gênero, Sexualidade e Mídia são temas de maior interesse.

Coordenadora da Coleção:

Silvana Vilodre Goellner

Conselho Editorial:

André Luiz dos Santos Silva (FEEVALE)

Angelita Alice Jaeger (UFSC)

Ivone Job (UFRGS)

Livia Tenório Brasileiro (UPE)

Ludmila Mourão (UJF)

Meily Assbú Linhares (UFMG)

Victor Andrade de Melo (UFRJ)



Copyright © 2018 Centro de Memória do Esporte

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Reitor: Rui Vicente Oppermann

Vice-reitora: Jane Fraga Tutikian

Pró-reitora de Extensão: Sandra de Deus

Vice-pró-reitora de Extensão: Claudia Porcellis Aristimunha

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança - ESEFID

Diretor: Ricardo Demétrio de Souza Petersen

Vice-diretora: Luciana Laureano Paiva

Centro de Memória do Esporte - CEME

Coordenadora: Silvana Vilodre Goellner

Projeto Gráfico (Capa): Nina Figueira Sodré

Projeto Gráfico e diagramação (Miolo): Luiza Aguiar dos Anjos

Qualquer parte ou o todo desta publicação pode ser reproduzida,
desde que citada corretamente a fonte.

P648 Resenhas de arquibancada: publicações do GRECCO no Ludopédio / Organização de Luiza Aguiar dos Anjos; Prefácio Sérgio Settani Giglio - Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2018.

109 p. (Coleção Grecco)

ISBN: 978-85-9489-079-5

1. Esporte. 2. Futebol. 3. Ludopédio I. Anjos, Luiza Aguiar, Org.

CDU 796

Ficha catalográfica elaborada por Naila Touguinha Lomando, CRB-
10/711



Sumário

Prefácio	4
Apresentação	6
O Futebol Feminino brasileiro e a minha esperança	8
Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino	14
Futebol de mulheres no Brasil e na Colômbia: a hegemonia na subordinação.....	20
A América é das Guerreiras Grenás!.....	27
“Anistia ampla, geral e irrestrita” – um estudo sobre a relação entre futebol, luta pela anistia e torcidas organizadas.....	31
Futebol Feminino e a dúvida do amanhã.....	42
Seleção permanente: algumas reflexões após o primeiro ano da experiência	48
Referências	55
De Blatter a Infantini: Novas perspectivas para o Futebol Feminino	56
Eu desisti do futebol, mas ele não desistiu de mim	65
Estará um dia o futebol livre da homofobia?	69
Conhecer para reconhecer: a história de Ivete Gallas	80
Futebol Feminino e Jogos Olímpicos: em busca do sonho	85
Sobre viver e torcer longe de casa	89
No “país do futebol”, se dá bola para as mulheres?	96
Deixa a menina jogar	104
Autoras/es	107



Prefácio

Em 1982 era lançado no Brasil o livro Universo do Futebol. Escrito por Roberto DaMatta, Luiz Felipe Baêta Neves Flores, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel o livro de ensaios rompia com alguns paradigmas da época. O primeiro e mais fácil de identificar era colocar o tema futebol como uma possibilidade de análise acadêmica. O segundo ponto de ruptura talvez passe mais despercebido, mas era ter uma mulher escrevendo e pensando sobre futebol entre os autores selecionados.

A presença de Simoni Guedes naquele livro e a sua continuidade em estudar o futebol após a publicação da obra serviu como suporte para outras pesquisadoras que nos anos e décadas seguintes se dedicaram a estudar um tema que em outras épocas “pertencia aos homens”.

Se a contribuição de Simoni Guedes enquanto precursora de um caminho que deveria ser ocupado é inquestionável, outras pesquisadoras mantiveram, não só o caminho aberto como possibilitaram novas aberturas e diálogos. Por isso, a contribuição de Silvana Vilodre Goellner, professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e coordenadora do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) é de fundamental importância nos estudos sobre o Esporte, de forma geral, e sobre o futebol praticado por mulheres, em específico.

Aliás, é este último tema que aparecerá em grande parte dos textos aqui compilados. Fruto de uma parceria na produção de



conteúdo para o Portal Ludopédio os textos publicados durante 2015 e 2016 ganham um novo espaço neste livro.

Interessante notar que se, no livro Universo do Futebol, havia uma “intrusa” aqui, neste livro organizado por Luiza Aguiar dos Anjos, a lógica se inverte. Ao todo escrevem 10 integrantes do GRECCO e apenas um deles é homem. Isso significa, mais do que nunca, que o futebol é um campo de estudos plural e que não pertence apenas aos homens. Aliás é preciso superar o discurso de uma certa “reserva de mercado” para determinado grupo. O futebol enquanto campo de estudos é um espaço de todos. O futebol é parte da cultura brasileira e como tal deve ser jogado, apropriado e estudado por quem se interessar por ele.

Se agora, neste livro a maioria dos textos são escritos por mulheres, certamente, é pelo espaço que a professora Silvana Goellner criou e estimulou suas/seus estudantes a ocupar. Desse modo, o livro “Resenhas de Arquivancada: publicações do GRECCO no Ludopédio” revela o quanto o grupo procura potencializar seus estudos e pensamentos para além dos muros da universidade. O debate produzido no GRECCO acerca do futebol praticado por mulheres publicado no Ludopédio permitiu a ampliação do alcance das ideias e pensamentos sobre um tema que, muitas vezes, não aparece na mídia convencional.

Portanto, a compilação dos textos publicados na Arquivancada do Ludopédio feito por meio da organização de Luiza Aguiar, representa mais um resultado desta ocupação. E ainda mostra que o futebol não é bom somente para jogar, mas também para pensar sendo que esta premissa vale também para o futebol jogado por mulheres. Boa leitura!

Sérgio Settani Giglio

Professor Doutor da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP



Apresentação

Em 2009, por iniciativa dos pesquisadores e amantes do futebol Sérgio Settani Giglio, Enrico Spaggiari, Marco Antunes de Lima e Paulo Miranda Favero surgiu o Ludopédio, um site para falar do esporte bretão sob múltiplos olhares e linguagens. Ali se divulgam textos, entrevistas, eventos, cursos, livros acadêmicos e literários, filmes, imagens. Hoje, a Equipe Ludopédio conta ainda com Marco Lourenço, Max Rocha e Victor de Leonardo Figols.

Ao longo dos anos, à equipe de frente do site, se juntaram inúmeros parceiros que ali compartilham diferentes produções sobre futebol e que contribuíram para fazer do Ludopédio uma referência entre interessados/as pelo futebol.

Desde 2015, o Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) se tornou um desses parceiros, escrevendo regularmente na coluna Arquibancada. Assim como o GRECCO, muitos outros grupos de pesquisa e colaboradores/as escrevem nesse espaço, fazendo dessa sessão um espaço plural, onde temas bastante diversos no universo do futebol são abordados.

Essa obra é fruto dos textos que o GRECCO produziu para a Arquibancada ao longo dos anos de 2015 e 2016. Escritos por doutorandas, mestrandas e graduandas/os, são produções que dialogam com os trabalhos desenvolvidos dentro do grupo, mas também expõem experiências individuais. São resultado do exercício de se escrever sobre pensamentos e sentimentos em relação ao futebol.

Notar-se-á que a maioria dos textos – 12 de um total de 15 - trata do futebol jogado por mulheres. Dar visibilidade ao que as mulheres têm feito no universo futebolístico tem sido um importante trabalho ao



qual o GRECCO tem se dedicado, o que se reflete no conteúdo desse livro.

Esperamos que essa compilação potencialize o alcance das reflexões feitas em nossos textos e que elas contribuam tanto para a criticidade quanto para o desfrute do futebol.

Boa leitura!



O Futebol Feminino brasileiro e a minha esperança

Luiza Aguiar dos Anjos

Minha primeira lembrança de esperança quanto a avanços no futebol feminino brasileiro data de 2007. Naquele ano, eu, que sempre tinha jogado futsal, me arrisquei na empreitada de jogar campo. Me lembro de, em uma noite de treino, sentada no centro do campo de terra junto às demais jogadoras, ouvir do treinador que participaríamos da primeira Copa do Brasil de Futebol Feminino. Estávamos no segundo semestre e a seleção brasileira tinha sido campeã dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, jogando em um Maracanã lotado e impondo uma goleada de cinco a zero na tradicional equipe dos Estados Unidos. Dizíamos entre nós que esse bom resultado obtido sob o olhar do público nacional tinha motivado, mas sobretudo pressionado a CBF a realizar algum tipo de ação em prol das futebolistas brasileiras. A Copa do Brasil teria sido a resposta.

Minha carreira no futebol de campo se encerrou naquele mesmo ano, mas a Copa do Brasil permanece até os dias atuais. Desde 2013, com a parceria da Caixa Econômica Federal também é promovido outro torneio nacional, o Brasileirão Feminino Caixa. O fato das competições nacionais estarem consideravelmente melhor organizadas do que há anos atrás não significa que as estruturas oferecidas pela CBF e pelos clubes às jogadoras já seja satisfatória. Não é. Mas optei por, nesse texto, ao invés de exaltar as tantas barreiras enfrentadas pelas mulheres que optam por fazer do futebol sua vida, em exaltar alguns avanços – ou possibilidades de avanços – importantes ocorridos especificamente em 2015.



Começamos esse ano com a convocação da seleção permanente, a nova estratégia da CBF para possibilitar uma melhor preparação do escrete nacional para as suas competições. A medida envolve a contratação de um grupo de jogadoras pela CBF, recebendo salários pela entidade e treinando de maneira contínua exclusivamente com a seleção até os Jogos Olímpicos de 2016. Uma das principais críticas feitas ao projeto é o enfraquecimento dos campeonatos nacionais com a saída das principais atletas de seus respectivos clubes. Recentemente, contudo, a CBF amenizou tal fato, anunciando que as integrantes da seleção permanente irão ser inseridas nas equipes que se classificarem para a segunda fase do Brasileirão.



Presidente Marco Polo recebe a Seleção Feminina após a conquista da medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos 2015.

Foto: Rafael Ribeiro – CBF.

Pessoalmente me posiciono contra a formação de uma seleção permanente. Entendo que a prioridade financeira da CBF quanto ao



futebol feminino deveria ser direcionada às equipes e não a um conjunto de 27 jogadoras. Mas deixando meu posicionamento de lado, reconheço que a medida representa um investimento, ainda que pequeno.

Outra ação importante foi tomada a recente sanção da Medida Provisória 671, a chamada MP do Futebol. Como muitos leitores devem saber, a MP institui ao Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro, o ProFut. Por meio dele, os clubes de futebol profissional têm a possibilidade de refinanciar suas dívidas fiscais com a união, desde que cumpram um conjunto de condições. Entre essas condições encontra-se a obrigatoriedade no investimento no futebol feminino. Espera-se que a adesão de clubes tradicionais do futebol masculino provoque o surgimento de novas equipes que, além do aporte financeiro mínimo imposto pela nova lei, podem trazer também seus torcedores. Isso pode ser visto como especialmente significativo se pensarmos que um dos grandes problemas dos clubes de futebol feminino é a carência de público interessado, o que justifica baixos patrocínios e direitos de transmissão.

Saindo do campo dos investimentos financeiros, pontuo agora duas conquistas no terreno da visibilidade. A primeira foi o lançamento de uma exposição sobre o futebol feminino do Museu do Futebol, no Pacaembu. A mostra, organizada pelo Museu do Futebol em parceria com o Centro de Memória do Esporte (CEME/UFGRS), representa um importante passo no que tange ao reconhecimento da importância das mulheres na história do futebol. A exposição permanece até o fim do ano, contudo algumas das peças serão incorporadas ao acervo permanente, evidência da percepção da importância da presença das mulheres nesse espaço de memória. Vale pontuar, ainda, que além de significar uma vitória simbólica, a exposição possibilitará também que



as várias pessoas que visitam diariamente o Museu tenham a oportunidade de conhecer mais sobre o futebol feminino.



Imagem: Museu do Futebol (reprodução).

A segunda conquista com relação à visibilidade é a inclusão de seleções femininas no famoso jogo de videogame FIFA. Infelizmente, tão logo foi feito o anúncio surgiram uma série de comentários nos fóruns de notícias criticando a suposta intromissão das mulheres no jogo deles, além de fazerem piadas machistas como a necessidade de abolição da regra do impedimento e a possibilidade de disputas envolvendo atividades domésticas como passar pano ou limpar vidros. Esses comentários apenas reforçam a importância de espaços de representatividade no qual as mulheres participam de atividades tradicionalmente associadas ao homem, como o futebol.

Nesse ano ocorreram ainda duas importantes competições internacionais: a Copa do Mundo e os Jogos Pan-Americanos.



Seleção Feminina no pódio dos Jogos Pan-Americanos, dia 25 de julho de 2015.

Foto: Rafael Ribeiro.

Infelizmente o resultado na Copa da Mundo não foi o esperado. A seleção brasileira foi desclassificada nas oitavas de final com uma derrota por 1 a 0 para a seleção da Austrália. Se o resultado e as próprias performances não foram dignas de comemoração, é celebrável o fato do torneio ter sido transmitido no Canal Brasil e no Sportv, possibilitando que muita gente acompanhasse os jogos. Além disso, pela primeira vez foi vendido em nosso país um álbum de figurinhas de uma competição de futebol feminino.

E se na Copa o desempenho não foi dos melhores, nos Jogos Pan-Americanos, o Brasil compensou. A equipe, além de ser campeã invicta, teve a artilheira da competição Cristiane e ainda conseguiu aplicar uma goleada de 4 a 0 na final contra a Colômbia, com direito a gol olímpico de Maurine. Ainda que o torneio não tenha sido altamente competitivo, sobretudo pela ausência dos Estados Unidos, a maneira



como a equipe brasileira se impôs ante adversários inferiores foi inquestionável.



Lance do jogo entre Foz Cataratas (SC) e São José (SP), válido pelo Campeonato Brasileiro Feminino 2015.
Foto: Agência ALLSPORTS.

Nesse setembro começou o Brasileirão Feminino Caixa que será transmitido pela FoxSports. E no próximo ano, nos Jogos Olímpicos do Rio, a seleção terá a oportunidade de conquistar um outro ouro em casa, como naquele não tão longínquo 2007. Quem sabe isso não acontece e mais incentivos e conquistas venham? Sigo esperançosa.



Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino

Suellen dos Santos Ramos

Sim, ele existe.

No ano de 2013, em parceria com a Caixa Econômica Federal, a Confederação Brasileira de Futebol reativou o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino que não ocorria desde 2001. A edição desse ano passou por algumas dúvidas e incertezas sobre sua continuidade no início de 2015, mas superou-as e a disputa teve início no dia 7 de setembro. A terceira edição desta competição vai de setembro a novembro com 20 equipes de diferentes regiões do território nacional brigando pelo título. E mais, os jogos serão transmitidos pela TV Brasil.

Atualmente, além do Campeonato Brasileiro Caixa que vem ocorrendo na segunda metade do ano, o calendário do futebol feminino no Brasil conta com outra grande competição, a Copa do Brasil, que é disputada no primeiro semestre e acontece desde 2007. A principal crítica em relação a estes dois torneios é que ocupam um período curto do ano. Somado ao fato dos estaduais nem sempre terem um bom número de equipes, as atletas acabam não permanecendo em atividade o ano inteiro, pois cada um destes pleitos têm no máximo três meses de duração, deixando as equipes e as atletas em período ocioso no restante da temporada. Nesse cenário, a maioria dos clubes de futebol feminino do país não encontra condições de manter seu plantel quando não há competições em andamento e as atletas, assim, não conseguem manter uma dedicação exclusiva ao esporte.



Lance do jogo entre Ferroviária/SP X Pinheirense E.C. (PA), válido pelo Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino 2015, no Estádio da Fonte Luminosa, em Araraquara (SP).

Foto: Moises Schini – ALLSPORTS.

O Brasileirão deste ano conta com a participação de quatro “times de camisa”, ou seja, quatro clubes tradicionais do futebol masculino. São eles: Flamengo (RJ), Santos (SP), Portuguesa (SP) e América Mineiro (MG). O time carioca conta com a parceria da Marinha e dispõe de jogadoras como Maycon e Tânia Maranhão, medalhistas olímpicas pela Seleção Brasileira. As Sereias da Vila, bicampeãs da Copa Libertadores e da Copa do Brasil, retornam à competição após três anos de inatividade do departamento de futebol feminino de seu clube. Elas seguem sendo fortes candidatas à conquista do título, pois contam com peças experientes em seu elenco, algumas delas com passagens pela seleção como Alline Calandrini e Maria. Além destes times participam da competição: Ferroviária (SP), Iranduba (AM), Pinheirense (PA), Rio Preto (SP), Centro Olímpico (SP), Duque de Caxias (RJ), Kindermann (SC), Foz Cataratas (PR), Mixto (MT), São Francisco



(BA) e São José (SP), Botafogo (PB), Caucaia (CE), Tiradentes (PI), Viana (MA) e Vitória (PE).

As 20 equipes que disputam o título do Brasileirão estão divididas em quatro grupos. As cinco equipes de cada grupo se enfrentam entre si, no famoso “todos contra todos”, neste caso, “todas contra todas”. Classificam-se os dois times que mais pontuarem dentro de cada grupo. Na segunda fase, as oito equipes classificadas serão divididas em dois grupos de quatro. A partir dessa fase da competição as equipes serão reforçadas com as atletas da seleção permanente. Para os que não se lembram, essa seleção foi formada no começo desse ano para manter um grupo de atletas em treinamento contínuo se preparando para as competições internacionais, principalmente os Jogos Olímpicos do Rio 2016. Essa medida, contudo, acabou desfalcando algumas equipes fortes do cenário nacional. Recentemente, a CBF anunciou a decisão de inseri-las nessa fase do Brasileirão permitindo que vejamos nossas principais craques em ação. A distribuição das atletas visará o equilíbrio e, por isso, acontecerá por meio de um sorteio, similar ao draft que é utilizado nas principais ligas esportivas dos Estados Unidos.



Jogadoras da seleção posam com as camisas dos clubes que irão defender no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino 2015.

Foto: Rafael Ribeiro – CBF.

Atual campeã do Campeonato Brasileiro Caixa, a equipe da Ferroviária de Araraquara sofreu algumas baixas em seu plantel por conta da seleção permanente, como a goleira Luciana, a zagueira Monica Hickmann, a lateral Maurine e a artilheira da edição anterior, Raquel. Ainda assim, é forte candidata ao bicampeonato. Outras fortes concorrentes são as equipes do Kindermann e do São José dos Campos.

A equipe de Caçador é a atual campeã da Copa do Brasil, e reprisou neste campeonato, contra a equipe de Araraquara, a final do Brasileirão do ano passado no qual ficou em segundo lugar. Além disso, se tornou octacampeã catarinense nesta temporada, apesar de ter perdido uma de suas peças mais importantes, Andressinha, camisa 10 da Seleção na ausência de Marta.

Para o São José dos Campos, este é o único troféu que falta na galeria, pois já conta em seu currículo com um Campeonato Mundial de Clubes, três Copas Libertadores da América, duas Copas do Brasil e três Campeonatos Paulistas. Vale destacar também que o time paulista



tem em seu comando Emily Lima, ex-técnica da seleção brasileira sub-15 e sub-17, que em seu primeiro ano de clube já conquistou um título com as Águias, o Campeonato Paulista de 2015.

Correndo por fora ainda temos Centro Olímpico e Foz Cataratas, ambos com títulos nacionais em suas trajetórias. O primeiro foi campeão brasileiro em 2013, primeiro ano de Campeonato Brasileiro, e o segundo foi campeão da Copa do Brasil em 2011, ou seja, mais um indício de que a segunda fase da competição promete.



Byanca, do Centro Olímpico (ADECO), comemora gol.
Foto: Tasso Marcelo – ALLSPORTS.

O ano de 2015 tem sido marcante para o futebol feminino no Brasil. Pela primeira vez temos uma Seleção Permanente, onde 27 atletas foram escolhidas objetivando a preparação para os Jogos Olímpicos do Rio 2016. Foi aprovada pelo Senado nacional a Medida Provisória 671 (MP do Futebol) que possibilita os clubes de investirem no futebol feminino afim de parcelarem suas dívidas fiscais. O Flamengo estruturou o time feminino já pensando nesta medida.



Finalmente as mulheres ganharam espaço no Museu do Futebol em uma exposição organizada pelo Museu do Futebol em parceria com o Centro de Memória do Esporte da UFRGS (CEME).

E para finalizar o ano de evoluções e vitórias para o futebol feminino, a terceira edição do Campeonato Brasileiro Caixa está em andamento e na primeira rodada já eram computados 27 gols marcados em oito jogos. Para a segunda fase da competição com o ingresso das jogadoras da Seleção somado à qualidade das oito equipes que se classificarão, tudo indica que teremos jogos de altíssima qualidade e o melhor de tudo é que poderemos acompanhá-los pela televisão.



Futebol de mulheres no Brasil e na Colômbia: a hegemonia na subordinação

Claudia Yaneth Martínez Mina

Na Colômbia a frase “há piores” é usada informalmente para encontrar consolo diante de uma situação adversa. A usamos para enfatizar que existem outras circunstâncias pelas quais passam grupos ou pessoas que em nossa perspectiva estão em piores condições, e de certa forma, encontrar um pouco de alívio, mas isso não significa que nos sintamos bem com a tragédia dos outros, ou que essas circunstâncias devam permanecer assim como estão. Início com essa fala porque considero que apesar do futebol feminino no Brasil não ser visibilizado pela mídia, estar desvalorizado, não possuir o patrocínio suficiente, não ser economicamente rentável, não ter torcida, etc., está muito melhor que em os outros países de América do Sul, o que as coloca em situação de hegemonia segundo este ponto de referência.

No futsal, não existe quem ganhe delas. Em nível mundial são as melhores: conquistaram o título mundial durante as cinco edições da Copa do Mundo, possuindo um recorde igual ao que o futebol masculino possui, mas com a diferença de terem sido obtidos de forma consecutiva. Apesar disso, na última competição realizada na Costa Rica, o Brasil esteve a ponto de não participar porque a CBFS manifestou inviabilidade financeira. Felizmente elas conseguiram competir e foram campeãs. Neste sentido, no futsal o Brasil tem hegemonia mundial, são as melhores batendo seguidamente Espanha, Portugal, Rússia e todas essas seleções que têm profissionalizado este esporte nos seus países, os quais são também economicamente diferentes. No futebol, o Brasil ainda não conquistou a Copa do Mundo



FIFA de Futebol Feminino, mas a única jogadora que foi eleita cinco vezes melhor do mundo é a brasileira Marta, outro recorde de nível mundial, o que é importante destacar como um logro para o futebol de mulheres nesse país.

Logo, em que pese às adversidades, as jogadoras brasileiras na América do Sul são as que mandam, elas são as melhores. Das sete edições realizadas da Copa América desde 1991, o Brasil conquistou seis. Apenas em 2006 a Argentina tirou esse título das brasileiras, mas elas foram vice-campeãs. Também são campeãs dos Jogos Pan-americanos 2003, 2007 e 2015; campeãs da Universíade de Verão 2001 e 2005 e campeãs dos Jogos Mundiais Militares 2011 e 2015. Todas essas conquistas anunciam que esta equipe tem uma hegemonia ante as outras seleções aqui nesta parte do continente.



Comemoração da Seleção Brasileira pelo título da Copa América de 2014, no Equador.

Foto: Rafael Ribeiro – CBF.

Por outro lado, desde o ano de 2010, a Colômbia, uma seleção com um processo totalmente diferente ao da seleção brasileira, que participou por primeira vez em torneios internacionais a partir de 1998,



começou a também colocar-se nas primeiras posições na América do Sul. O último encontro destas duas seleções foi na final dos Jogos Pan-americanos de Toronto, na qual Brasil nos deu uma cátedra de futebol, impondo um marcador final de 4 a 0. Foi uma pena para Colômbia não ter contado com o mesmo plantel que disputou a Copa Mundo de Canadá.

Quem não conhece como funciona o futebol feminino em outros países se deixa levar pela crença que a vitória é resultado do apoio suficiente de seu país. Na Colômbia, as pessoas acham que no Brasil o futebol feminino é diferente do que é na realidade, muitas pessoas pensam que sua hegemonia se deve ao apoio e a uma estrutura estabelecida, acham que o futebol feminino no Brasil está tão bem organizado como o masculino. Mas quem vai para o Brasil e conhece essa realidade de perto sabe que as coisas não são bem assim. O futebol feminino no Brasil ainda tem muitos problemas, falta de patrocínio, de torcida, de financiamento, barreiras culturais, preconceitos, etc., assim como na maioria dos países da América do Sul. Mas, quando comparamos o futebol feminino no Brasil com o futebol feminino da Colômbia, é quando se podem falar aquelas palavras: “há piores”.

O futebol praticado por mulheres na Colômbia não tem ligas profissionais, os jogos são amadores, organizados pela Divisão Aficionada de Futebol Colombiano (DIMAYOR). Esta entidade administra os torneios amadores que contam com a participação das ligas de futebol de cada estado, geralmente com o apoio de empresas patrocinadoras. Os campeonatos nacionais geralmente ocorrem apenas alguns meses antes de uma competição internacional, com o intuito de conhecer e escolher algumas jogadoras para fazer parte da seleção da Colômbia ou para participar da Copa Libertadores. Contudo, desde o ano 2013, o Campeonato Nacional Feminino de Futebol é realizado



durante cada ano, exclusivamente na categoria juvenil sub-20 e sub-17, sendo transmitidos alguns jogos em canais de televisão pagos. Parece ser que a boa apresentação da Seleção da Colômbia na Copa Mundo do Canadá motivou a transmissão dos jogos femininos e a realização de mais campeonatos. Alguns clubes dão às jogadoras apoio para o transporte. Essa é uma mostra de estar nos melhores clubes femininos, o subsídio de transporte. Os patrocinadores são empresas que oferecem uniformes e o valor da inscrição dos campeonatos. As ligas esportivas de cada estados arcam com os custos (transporte, hospedagem, alimentação, inscrição, uniformes) quando as competições são em outras cidades. Esta é mais ou menos a situação das segundas melhores da América do Sul.



Lance da partida entre Brasil e Colômbia, nos Jogos Pan-Americanos 2015.
Foto: Rafael Ribeiro – CBF.

Yoreli Rincón, uma das melhores jogadoras da seleção da Colômbia afirmou numa entrevista que, com o dinheiro que ela ganhava na Colômbia por jogar futebol, não poderia comprar nem uma bicicleta,



uma forma de dizer que não ganhava nada. E eu acho que por pior que seja a situação do futebol feminino no Brasil, algumas podem comprar uma bicicleta com o dinheiro que recebem. Não é assim?

A Colômbia está nessa posição porque a maioria de suas jogadoras estão em clubes no exterior, principalmente nos Estados Unidos ou na Europa, só por isso a situação começou a melhorar um pouco. Na última Copa do Mundo, realizada no Canadá, a Colômbia fez história classificando às oitavas de final, e acho digno enfatizar que perderam contra a seleção campeã, os Estados Unidos. A Federação Colombiana de Futebol (FCF) prometeu dá-lhes 10 milhões de pesos (aproximadamente 3480 dólares) caso se classificassem. No entanto, no mês de setembro, três meses depois de finalizada a Copa do Mundo, a jogadora Daniela Montoya denunciou a FCF por não pagar-lhes o dinheiro prometido. Uns dias depois, os noticiários da Colômbia anunciavam a realização de um projeto com o apoio da FCF e da prefeitura de Barranquilla no qual uma nova casa da seleção colombiana masculina vai ser construída. Suítes, salas de descanso, escritórios, salas de internet, um auditório, três campos de futebol, academias, consultórios médicos e para fisioterapia, um campo de futebol de praia, zonas verdes, um lago, estacionamentos, camarins, sauna e banho turco fazem parte das novidades deste projeto, no qual será investido 12 mil milhões de pesos colombianos (mais ou menos 3.600.0000 dólares). Claro, eles têm patrocinadores, mas eu acho que pagar às jogadoras os 3.480 dólares não vai empobrecer à FCF. Por outro lado me pergunto: assim como as prefeituras se unem com a FCF para apoiar o futebol masculino, porque não iniciam um projeto para profissionalizar o futebol feminino?



Disputa de bola entre as jogadoras do Brasil e da Colômbia pela Copa América 2014.

Foto: Rafael Ribeiro / CBF.

Posteriormente, em outubro, a Chevrolet anunciou e apresentou o novo ônibus da seleção masculina, o qual foi elaborado com detalhes de alta tecnologia, rede sem fio, telas HD e sistema interativo de entretenimento em cada assento, entre outros luxos. Em meio a esse panorama, as jogadoras esperam aquele prêmio pela classificação a oitavas na Copa Mundo.

Por último, eu acho importante ressaltar que embora o futebol praticado por mulheres no Brasil tenha tantos problemas e esteja numa situação de subordinação e discriminação se o comparamos com o futebol masculino do mesmo país, sua situação, em comparação com o futebol feminino de outros países de América do Sul, é muito melhor. As brasileiras podem olhar para fora e pensar: “há piores”, mas ressalto novamente, isso não significa que as coisas estejam bem, nem devam permanecer assim como estão.



Referências

<http://www.deportesrcn.com/noticia-video/daniela-montoya-denuncio-la-federacion-colombiana-de-futbol-deportes-42407>

<http://www.elespectador.com/deportes/futbolinternacional/asi-sera-nueva-casa-de-seleccion-colombia-barranquilla-galeria-591225>

<http://www.eltiempo.com/deportes/futbol/federacion-colombiana-de-futbol-presento-el-nuevo-bus-/16392582>

<http://www.eluniversal.com.co/deportes/futbol/asi-sera-la-nueva-casa-de-la-seleccion-colombia-en-barranquilla-208022>

https://es.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Nacional_Femenino_%28Colombia%29

https://es.wikipedia.org/wiki/Copa_America_Femenina

https://es.wikipedia.org/wiki/Selecci%C3%B3n_femenina_de_f%C3%BAtbol_de_Colombia

https://pt.wikipedia.org/wiki/Sele%C3%A7%C3%A3o_Brasileira_de_Futebol_Feminino

https://pt.wikipedia.org/wiki/Torneio_Mundial_de_Futsal_Feminino



A América é das Guerreiras Grenás!

Ayllu Acosta

Luiza Loy Bertoli

Assim é chamado o time de futebol de mulheres da Ferroviária, campeão de forma invicta da Copa Libertadores da América que aconteceu na Colômbia, entre os dias 28 de outubro e 08 de novembro deste ano, nas cidades de Medellín, Envigado e Giradota.

As meninas venceram a final contra o Colo-Colo por 3 a 1, com dois gols da atacante Tábatha e um da lateral esquerda Barrinha. Sem despertar interesse de patrocinadores e com pouca visibilidade na mídia comercial, somente alguns jogos foram transmitidos pelo canal Fox Sports 3, uma emissora de canal fechado. A competição ocorre anualmente desde 2009 e esta é a primeira edição disputada fora do Brasil.

A Copa Libertadores feminina, assim como a masculina, é organizada pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) e a classificação se dá a partir dos campeonatos nacionais dos países participantes: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. No entanto, enquanto a competição para os homens dura todo o primeiro semestre do ano; para as mulheres, desde a fase de grupos até a disputa da final, foram apenas 12 dias, nesta edição.

A competição foi disputada por doze equipes: Ferroviária e São José (BRA), UAI Urquiza (ARG), San Martín de Porres (BOL), Colo-Colo (CHI), Formas Íntimas e Real Pasión (COL), Espuce (EQU), Cerro Porteño (PAR), Universitario (PER), Colón (URU) e Estudiantes de Guárico (VEN). As equipes foram divididas em três grupos, onde



classificaram-se o primeiro de cada grupo e o melhor segundo no geral, formando as semi-finais entre: Ferroviária x São José e Colo-Colo x UAI Urquiza.

A falta de estrutura foi um dos destaques negativos da competição. A equipe campeã da Libertadores em 2014 e atual campeã Mundial de Clubes, o São José, além de ter sua comida contada e dificuldade de transportes para os jogos, estreou às escuras contra o Estudiantes. A falta de luz no estádio Cincuentenario fez com que a partida, realizada às 16h, terminasse no breu. Djenifer, volante do São José, desabafou: “No fim do jogo, estava completamente escuro. Sem a iluminação adequada para uma partida. Enfim, sabemos que o que é ruim para a gente, é ruim também para nosso adversário. Então, acima de tudo, temos que nos superar”. Mesmo sem condições mínimas de iluminação, a partida aconteceu e terminou empatada em 1 a 1.

Além da falta de estrutura, os desfalques decorrentes da formação da seleção permanente, foi também uma adversidade enfrentada pelas jogadoras e comissões técnicas das equipes brasileiras. A seleção brasileira permanente, criada visando a Copa do Mundo, disputada este ano no Canadá, e as Olimpíadas de 2016, foi alvo de críticas. O técnico da Ferroviária, Leonardo Mendes, lamentou a ausência de 11 jogadoras cedidas para a seleção: “A CBF tentou melhorar com a seleção permanente, mas melhorou só para as jogadoras que estão na seleção. Para os clubes ficou ruim, pois perdemos atletas e tendo jogadoras de seleção você atrai imprensa, torcida, e a divulgação é maior”.



Lance do jogo entre Ferrovária (SP) e Piranduba (PA).
Foto: Moises Schini – ALLSPORTS.

Mesmo diante de todo contexto desfavorável, e com um orçamento apertado que representa cerca de 10% do valor da equipe masculina do Ferrovária – atual campeão da segunda divisão do Campeonato Paulista -, as guerreiras grenás trouxeram mais um título para o Brasil. Das sete edições da competição, a taça ficou seis vezes por aqui, confirmando a supremacia brasileira na América: Santos FC (2009 e 2010), São José (2011, 2013 e 2014) e Colo-Colo (2012). Apesar da conquista de grande importância, a premiação das meninas não chegou a 1% do valor arrecado pela equipe campeã da Copa Libertadores pelo lado masculino, o River Plate. Enquanto os homens arrecadaram US\$ 5,3 milhões, para as mulheres o valor destinado foi de apenas US\$ 20 mil.

Vale ressaltar que a equipe de Araraquara foi campeã da Copa do Brasil e do Campeonato Brasileiro de 2014, o que deu vaga para a disputa de sua primeira Copa Libertadores. Com 13 gols feitos e apenas



1 gol sofrido as Guerreiras Grenás fizeram jus ao apelido, superando as adversidades estruturais da modalidade, além da competitividade junto a outras atletas e equipes. As Guerreiras foram recebidas com festa em Araraquara e mais uma vez colocaram seu nome na história do futebol de mulheres do Brasil, ainda assim, permanecem invisibilizadas pela mídia.



“Anistia ampla, geral e irrestrita” – um estudo sobre a relação entre futebol, luta pela anistia e torcidas organizadas

Isabela Lisboa Berté

Em fevereiro de 1979, em um jogo entre Corinthians e Santos realizado no estádio Morumbi, o Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA) de São Paulo em parceria com a torcida organizada Gaviões da Fiel abriu uma faixa com os dizeres “Anistia ampla, geral e irrestrita.” Para compreender o significado dessa manifestação em plena ditadura militar é preciso analisar o contexto histórico em que parte da sociedade civil se organizou para lutar pela anistia e pensar no impacto do surgimento das torcidas organizadas e o seu papel político.

As fontes para essa pesquisa são os depoimentos de Antônio Carlos Fon e Carlos MacDowell, membros do CBA(SP), que planejaram o ato realizado no Estádio Morumbi. As narrativas fazem parte de um vasto material organizado pela Fundação Perseu Abramo¹, em 1999, em uma campanha de comemoração dos 20 anos da promulgação da Lei da Anistia. Nela são celebrados os valores que a luta defendia no período ditatorial dialogando com as diferentes apropriações da lei na retomada da democracia brasileira:

“Em primeiro lugar, porque é impossível esquecer os episódios da grande luta em que, em plena ditadura, se engajaram centenas de milhares de brasileiras e brasileiros, exigindo justiça para as vítimas do autoritarismo e do terror do Estado.” (Fundação Perseu Abramo, 2010)

Conforme o discurso da publicação, a luta desencadeada na década de 1970 nunca foi pautada pela lógica do perdão ou do

¹ A Fundação Perseu Abramo foi criada em 1996 pelo partido dos trabalhadores com o objetivo de construir um espaço para o desenvolvimento de pesquisas, estudos e debates no âmbito da política.



esquecimento. Pelo contrário, os panfletos e pronunciamentos sempre denunciaram os crimes cometidos pela ditadura e exigiram a devida responsabilização dos culpados.

Nessa perspectiva, a Fundação Perseu Abramo se posiciona em seu contexto histórico através da colocação: “Anistia não é esquecimento!” Conforme Rodeghero, a anistia de 1979 passa por uma série de ressignificações com o passar do tempo, que colocam em disputa, entre diferentes grupos sociais, as categorias da memória e do esquecimento. Nas palavras da autora:

“A forma como a realidade é contraditoriamente construída a partir de trabalhos de classificação e de recortes realizados por diferentes grupos sociais. Permite também analisar práticas que visam ‘exibir uma maneira própria de estar no mundo’ expondo assim, uma identidade social.” (RODEGUERO, 2009)

Dessa forma, a Fundação Perseu Abramo se posiciona de forma contrária aos discursos que associam a anistia ao esquecimento dos crimes ocorridos no período ditatorial, o que tem funcionado como um impedimento para que processos sejam abertos contra agentes da ditadura. Deve-se levar em consideração que no contexto da década de 1990, o posicionamento do estado brasileiro em relação ao passado ditatorial, com base na Lei dos Mortos e Desaparecidos de 1995, dava prioridade a uma política de indenização através da compensação financeira, em detrimento a busca da verdade e da responsabilização dos agentes da ditadura (SARTI, 2014).

Neste contexto, as publicações organizadas pela Fundação Perseu Abramo trazem a ótica do dever da memória como um posicionamento político no sentido de não esquecer os crimes cometidos pela ditadura e “contar a história” da resistência desencadeada por personagens da luta anistia. O material organizado conta com documentos da época, como manifestos, panfletos, fotografias, cartas de



presos políticos, exilados e familiares de mortos e desaparecidos e por fim, depoimentos de cerca de cinquenta protagonistas da luta pela anistia que relembram a memória do movimento e avaliam, vinte anos depois, a experiência da luta pela democracia.

Dentro deste vasto material, Antônio Carlos Fon e Carlos MacDowell, escrevem um depoimento centrado no ato realizado em parceria com a torcida Gaviões da Fiel. Os sujeitos da pesquisa foram convidados a significar sua memória acerca da luta pela Anistia no Brasil, através de uma narrativa que transforma o vivido em linguagem, organizado de acordo com um sentido. Dessa forma, o texto nos conta menos sobre o evento em si e mais sobre os significados atribuídos a experiência histórica (PORTELLI, 1997). Nessa mesma linha, Janaína Amado diferencia a vivência da memória:

“O vivido remete a ação, a concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória, esta por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da experiência.” (AMADO, 1995)

Nesse sentido, a narrativa dos sujeitos, para além de trazer o elemento da concretude da experiência histórica, aborda os significados que lhe são atribuídos com o passar do tempo e como esse passado é utilizado para a construção de uma identidade no presente e para a elaboração de um futuro.

Em ambos os depoimentos, os autores desenvolvem uma narrativa que atribui sentidos ao ato realizado, articulando o planejamento, as estratégias e a avaliação dos resultados a um mesmo eixo: a ideia de levar a bandeira da anistia à população em geral. Antônio Carlos Fon, jornalista, familiar de um preso político e participante do CBA (SP) começa o seu depoimento a partir dessa perspectiva:



“- ‘Eles estavam falando da nossa faixa’ – rádio de pilha colado no ouvido, boné e camiseta do Corinthians e um sorriso nos lábios, o torcedor ao meu lado informava a reação do estádio. Eu jamais o vira antes e nem o encontrei depois, mas nunca o pronome possessivo na primeira pessoa do plural me pareceu tão saboroso” (FON, 2006).

No excerto, Antônio Carlos Fon avalia como positiva a intervenção, uma vez que o torcedor comum do estádio, que aparentemente não estava ligado diretamente à luta pela anistia, via naquela faixa uma bandeira de luta comum da torcida do Corinthians e, nesse sentido, da população brasileira.



Torcida Gaviões da Fiel, no Pacaembu, em 2009.
Foto: Rodrigo Giansesi / Wikimedia.

Nessa mesma direção, Carlos MacDowell também inicia seu relato abordando a reação de pessoas desconhecidas ao ato realizado no



jogo entre Santos e Corinthians, um casal lhe encontra rua e pergunta se não era ele que havia participado da abertura faixa: “Anistia Ampla Geral e Irrestrita”. Em suas palavras, o encontro segue com: “[...] comentários de aprovação, apoio e um forte abraço a três. Sinto-me fortalecido. Nunca mais os vi, não sei os seus nomes, mas guardo a emoção. Apenas sei que não fazemos uma luta isolada.” (MACDOWELL, 2006). Novamente o resultado da manifestação planejada está ligado à ampliação da luta para um público mais amplo: “[...] sinto que milhares de anônimos dão um impulso para a luta pela anistia.” (MACDOWELL, 2006).

Verena Alberti (2005), ao abordar aspectos das fontes orais, afirma que estas são ricas no sentido de contar uma história da experiência, através do estudo das “[...] formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas.” Podemos estender a análise da autora às narrativas biográficas, uma vez que nas fontes estudadas, temos uma série elementos que evidenciam as estratégias elaboradas pelos CBA’s para atuar nos limites do contexto ditatorial, tal como a avaliação do ato no jogo de futebol em relação aos objetivos que foram traçados.

Para entender o significado da manifestação é importante compreendermos o contexto ditatorial e os movimentos desencadeados pela sociedade civil em prol da anistia na década de 1970. Conforme Rodeghero (2014), o período de maior repressão entre 1968 e 1974 formou uma nova leva de atingidos pela ditadura militar, em especial aqueles militantes que se envolveram com a luta armada. Em 1974, quando o general Ernesto Geisel chega ao poder propõe uma distensão lenta e gradual do regime, o que foi encarado como um momento propício, por algumas mulheres, para começar uma campanha em favor da anistia. O Movimento Feminino pela Anistia (MFPA), criado em 1975,



se baseia na tradição brasileira de anistias e têm na volta dos exilados a sua principal bandeira, de modo a unir novamente a “família brasileira”. No exterior, a luta pela anistia funcionou como uma bandeira agregadora dos exilados, que a viram como um meio de lutar contra a ditadura, pelo reestabelecimento da democracia e como uma forma de denunciar as violações dos direitos humanos realizadas pelo Estado brasileiro.

Em 1978, começam a surgir os Comitês Brasileiros pela Anistia com bandeiras mais amplas e combativas em comparação com o MFPA. Os CBA’s são contemporâneos à retomada de movimentos sociais como o estudantil e sindical, representando um conjunto de articulações da sociedade civil na luta contra a ditadura militar, que tem na anistia uma bandeira bastante agregadora. Os CBA’s foram organizados em âmbitos nacionais, com representantes do movimento estudantil, sindical, setores dos direitos humanos, familiares de mortos e desaparecidos, funcionando como “uma espécie de fórum de entidades da sociedade civil.” (RODEGUERO, 2009) Entre suas principais bandeiras, estavam a libertação dos presos políticos, o reconhecimento dos mortos e desaparecidos, a punição dos torturadores e a volta dos exilados.



Posse do presidente João Batista Figueiredo, 1979.
Foto: Arquivo/Agência Senado.

O depoimento de Antônio Carlos Fon dá alguns indícios do contexto político da época e do papel desempenhado pelo Comitê Brasileiro pela Anistia. Conforme o depoimento, no segundo semestre de 1978, a bandeira da anistia começava a crescer em entidades da sociedade civil, além do meio artístico e político, mas não chegava a maior parte da população. Em suas palavras, havia ainda na opinião pública “[...] a imagem dos opositores do regime militar como ‘terroristas, assassinos de pais de família.’” (FON, 2006) Procurando desfazer essa visão, foram elaborados materiais que utilizavam a mesma fórmula da ditadura para os cartazes de “procurados”, porém mostrando os desaparecidos políticos. O CBA havia recebido um retorno de setores já comprometidos com a luta pela ditadura, porém não tinha



como avaliar como o povo recebia a campanha, esse foi um dos objetivos do ato realizado no Estádio do Morumbi. A aliança entre o futebol, as torcidas organizadas e a luta política obteve resultados bastante significativos, uma vez que a bandeira da anistia foi transmitida ao vivo pelas emissoras que cobriam o clássico e, no dia seguinte, o fato apareceu na capa dos principais jornais do país.

A escolha da abertura da faixa em um estádio de futebol é estratégica uma vez que dificulta a chegadas da repressão, tal como a identificação dos militantes que levantavam a bandeira. No entanto, é significativo pensar o papel histórico das torcidas organizadas e a sua atuação em assuntos políticos neste contexto. Conforme Alvito, as primeiras torcidas surgiram no final da década de 1960, em um período de ebulição política da juventude brasileira e mundial. Grande parte dessas organizações tinha em seu nome o termo “jovem” e eram: “[...] bastante contestatórias do status quo clubístico e político” (ALVITO, 2012). Alguns destes elementos vão de encontro à associação entre futebol e alienação, uma vez que estas torcidas organizadas participavam ativamente das negociações que envolviam seus clubes, como reivindicações em torno do preço dos ingressos e melhores condições nos estádios. Além de se envolverem em eventos políticos mais amplos, como é o caso emblemático da abertura da faixa pela anistia e o movimento que ficou conhecido com Democracia Corinthiana, organizado na década de 1980.

Outro elemento bastante significativo que permeia os depoimentos de Antônio Carlos Fon e Carlos MacDowell diz respeito aos limites impostos pela Ditadura Militar às ações do CBA. A política de distensão iniciada com o governo do General Geisel e o início de um certo diálogo com setores da oposição contribuiu para um contexto mais favorável para o surgimento de novos movimentos sociais (RODEGHERO, 2009). A luta pela anistia, como vimos, é



contemporânea desse período de retomada das ruas, no entanto, nos relatos analisados neste texto está bem presente a violência policial e a prisão de militantes, o que evidencia os limites dessa postura mais “liberal” da ditadura militar. MacDowel cita alguns exemplos de atos bastante repressores, como a proibição do “Show pela Anistia” que seria realizado no Teatro da Universidade Católica de São Paulo e a violência policial nas manifestações realizadas em prol da anistia. Ao encontrar o casal que lhe pergunta se ele havia participado do ato realizado no Estádio do Morumbi, o personagem deixa claro o clima de tensão que ainda se vive no Brasil: “Ainda tenho cuidados e (in)seguranças, afinal ainda estamos em plena ditadura militar mas, sentindo cumplicidade, confiro.” No momento da manifestação, quando é aberta a faixa “Anistia Ampla, Geral e Irrestrita”, segundo o relato de Fon, os soldados da polícia militar tentam forçar a passagem entre a torcida para chegar até os manifestantes, no entanto, os corintianos de braços dados evitaram o avanço do policiamento, ainda assim, após o ato, MacDowell chegou a ser preso. Estes elementos demonstram alguns limites para manifestações contrárias à ditadura nos fins da década de 1970.

O presente trabalho teve por objetivo problematizar um acontecimento histórico bastante significativo da luta pela anistia na década de 1970, através do relato de dois personagens desta história, vinte anos após a promulgação da lei. O ato realizado no estádio Morumbi é fruto de uma articulação entre o Comitê Brasileiro pela Anistia e a torcida organizada Gaviões da Fiel e tinha como estratégia levar a bandeira da anistia a um público mais amplo. As narrativas organizadas pela Fundação Perseu Abramo funcionam como fontes significativas para estudar a forma como os personagens elaboram sua experiência histórica com o passar dos anos e como atribuem sentido ao seu passado através de articulações entre objetivos, estratégias e avaliação do ato político. Também se coloca como relevante observar a



manifestação como uma aproximação entre a luta política pela democracia e o futebol, uma paixão popular que já havia sido bastante explorada pelo regime militar e que goza de uma popularidade muito grande em nosso país.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla B. (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

ALVITO, Marcos. Maracaduba neles! Torcidas organizadas e policiamento no Brasil. Revista Tempo. Vol. 19, n. 34. 2012.

Amado, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. Projeto História, São Paulo, 1995, n. 14.

FON, Antônio Carlos. Antônio Carlos Fon – Depoimento. 23 de abril de 2006. Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/content/antonio-carlos-fon-depoimento>> Acesso em: 10 de dez. de 2015.

Fundação Perseu Abramo. 20 anos: anistia não é esquecimento. 13 de fevereiro de 2010. Disponível em <<http://novo.fpabramo.org.br/content/20-anos-anistia-nao-e-esquecimento>> Acesso em: 10 de dez. de 2015.

MACDOWELL, Carlos. Anistia: 20 anos. 23 de abril de 2006. Disponível em:< <http://novo.fpabramo.org.br/content/carlos-macdowell-anistia-20-anos>> Acesso em: 10 de dez. de 2015.

PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente”. Projeto História, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

RODEGHERO, Carla Simone. A anistia de 1979 e seus significados ontem e hoje. In: MOTA, Rodrigo Patto Sá & REIS FILHO, Daniel Aarão (Orgs.). 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.



RODEGHERO, Carla Simone. Para uma história da luta pela anistia. O caso do Rio Grande do Sul (1974-1979). Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 99- 122, jan./jun. 2009.

SARTI, Cíntia. A construção de figuras da violência: a vítima, a testemunha. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 77-105, jul./dez. 2014.



Futebol Feminino e a dúvida do amanhã

Suellen dos Santos Ramos

No dia 9 de dezembro de 2015, Marta Vieira da Silva, entrou mais uma vez para a história do futebol feminino mundial. Na primeira partida do Torneio Internacional de Natal, contra a equipe de Trinidad e Tobago, a atacante anotou cinco gols e tornou-se a maior artilheira da seleção nacional com 98 gols, ultrapassando nada mais nada menos do que Pelé, que mantém a marca de 95 gols. Além deste feito, a Rainha Marta foi eleita cinco vezes a melhor jogadora do mundo e ainda é a maior artilheira da história das Copas do Mundo de Futebol Feminino, com 15 gols no total.

Esta história incontestável deixa uma dúvida que paira no ar: Quem será nossa próxima Marta? Quem será a próxima brasileira a deixar seu nome na história do futebol? Cristiane, com talento inegável, assim como Marta, está próxima de pendurar as chuteiras. Deixou também um legado, com duas medalhas olímpicas, ambas de prata (2004 e 2008), além de duas medalhas de ouro dos Jogos Pan-Americanos (2007 e 2015).

Mas e o futuro? Quando não houver mais Marta e Cristiane.



Marta em ação no Torneio Internacional de Futebol Feminino de 2015, em Natal.

Foto: Vlademir Alexandre / ALLSPORTS.

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) criou em março de 2013 a categoria sub-15, que até então não existia. Conta ainda com as categorias sub-17 e sub-20. Estas duas últimas dispõem de competições internacionais, a Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-20, que ocorre desde 2002 e a Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-17, iniciada em 2008. Ambas organizadas pela FIFA, acontecendo em anos pares.

Este investimento nas categorias de base, vindo do maior órgão de futebol do país, incentiva os clubes a criarem estes plantéis em seus departamentos, o que estimula o surgimento de novas craques. Meninas jovens que jogam futebol no Brasil sempre existiram, mas muitas gerações foram perdidas devido à falta de investimento e visibilidade.



O Campeonato Brasileiro sub-17 já está no calendário da CBF e acontecerá no primeiro semestre de 2016. Mas muitos destes jovens talentos já mostram habilidade no Campeonato Brasileiro adulto, iniciado no dia 20 de janeiro deste ano. A competição conta com a participação de vinte equipes e algumas destas possuem categorias de base no clube. Temos hoje no Brasil meninas de 16 anos competindo com mulheres de 30, e este fato não se deve ao excesso de habilidade da mais nova e sim pela falta de campeonatos nacionais que priorizem as categorias de base, fazendo com que estas meninas pulem as etapas de treinamento necessárias para formação de uma atleta. A esperança é que os clubes de camisa que disputarão o Campeonato Brasileiro em 2016 (América – MG, Corinthians – SP, Flamengo – RJ, Santos – SP e Vasco da Gama – RJ) não se preocupem somente com a equipe adulta.

O Club de Regatas Vasco da Gama é um dos times que mais investe na base e possui tradição em revelar talentos. É responsável pelo surgimento da Rainha Marta para o mundo futebolístico. Foi no clube cruzmaltino que Marta ganhou seus primeiros títulos nacionais e a oportunidade de defender a Seleção Brasileira pela primeira vez. Além dela, outros nomes de destaques foram revelados pelo time carioca: Pretinha, Meg e Fanta, que também serviram a Seleção. Atualmente o clube mantém, além da categoria adulta, as categorias sub-20, sub-17, sub-15 e sub-13.



Lance da partida entre Vasco (RJ) e Adeco (SP) pelo Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino 2016, no Estádio de São Januário, no Rio de Janeiro (RJ), dia 26 de janeiro de 2016.

Foto: Tasso Marcelo / ALLSPORTS.

Algumas equipes do interior de São Paulo, como São José dos Campos e Centro Olímpico, assim como o extinto Kindermann, também têm tradição na formação de atletas. Centenas de meninas migram para São Paulo em busca do sonho de se tornar uma jogadora de futebol, pois é na região sudeste que se encontram as equipes com melhor estrutura do país. Mas não imaginem, nem comparem com a estrutura disponível no futebol jogado por homens.

A equipe do Kindermann, uma das pioneiras do futebol feminino brasileiro e celeiro de jogadoras revelações, encerrou suas atividades no dia 14 de dezembro de 2015, após uma triste tragédia ocorrida com o treinador Josué Kaercher. O clube catarinense é o atual campeão da Copa do Brasil e disputaria no ano de 2016 a Copa Libertadores da América. A Sociedade Esportiva Kindemann sempre investiu nas categorias de base, desde sua criação em 2004. Além da equipe adulta,



contava com as categoria sub-20 e sub-17, que disputavam campeonatos de futebol de campo e de futsal. O fechamento de uma das equipes mais antigas do futebol feminino deixa em evidência as inconstâncias vividas pela modalidade no Brasil.



Jogadoras do Kindermann/SC comemoram gol em partida contra a Portuguesa (SP) pelo Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino 2015, no Estádio Carlos A. C. Neves, em Caçador (SC), dia 20 de setembro de 2015.

Foto: Jandyr Nascimento / ALLSPORTS.

Andressa Machry, mais conhecida como Andressinha, após ser revelada pela equipe do Pelotas/RS, migrou para o Kindermann com 15 anos de idade. Caminho este que muitas meninas da região Sul seguiram, visto que no estado não existe uma perspectiva de crescimento dentro do futebol feminino. Hoje é volante da Seleção Brasileira Permanente, defende a camiseta canarinho desde a categoria sub-17, passou pela categoria sub-20, em ambas disputou Campeonato Sul-Americano e Mundial, e atualmente é um dos destaques da equipe principal. Passou por todas as etapas de treinamento e é um exemplo



de que investir na base dá certo e de que não precisamos contar somente com milagres para descobrir uma nova craque para o Brasil. Será ela a sucessora de Marta? As ferramentas ela têm.



Seleção permanente: algumas reflexões após o primeiro ano da experiência

Luiza Aguiar dos Anjos

Em dezembro de 2014, o então presidente da CBF, José Maria Marin, anunciou o projeto de constituição de uma Seleção Brasileira permanente. A proposta, exclusiva para o futebol de mulheres, envolvia a contratação de um grupo de jogadoras pela CBF, recebendo salários pela entidade e treinando de maneira contínua com a seleção visando a preparação para as competições internacionais, especialmente os Jogos Olímpicos de 2016.

O projeto é polêmico. É bastante óbvio que a estratégia visa a obtenção de conquistas a curto prazo a partir de um investimento financeiro relativamente baixo. O próprio coordenador de seleções femininas da CBF, Fabrício Maia, reconhece que a seleção permanente é apenas uma medida paliativa visando as importantes competições que estavam por vir: Mundial e Jogos Panamericanos em 2015 e os Jogos Olímpicos do Rio em 2016. Nas palavras dele: “O futebol feminino de clubes não existe no Brasil. É preciso pensar mais alternativas de ter um calendário permanente. Por isso que é importante, nesse momento, ter a seleção permanente”². O discurso se repete na fala do coordenador de Futebol Feminino da entidade, Marco Aurélio Cunha: “Essa foi a única maneira que encontramos para a Seleção ter o nível necessário para disputar uma Olimpíada em condições próximas de grandes

² Fala publicada em reportagem do IG. Disponível em: <http://esporte.ig.com.br/futebol/2015-01-22/cbf-investe-em-selecao-feminina-permanente-mas-previsao-para-longo-prazo-e-ruim.html>>.



nomes do futebol mundial”³. Assim, o discurso alinhado da CBF vincula a necessidade da criação da seleção permanente à estrutura precária de clubes de futebol de mulheres e do baixo número de competições existentes no país, que não é capaz de manter a maior parte das atletas em atividade ao longo de todo o ano.

É possível, ainda, que esses eventuais resultados positivos, caso se concretizem, tragam retornos que ajudem a alavancar a modalidade, como maior interesse de público, da mídia e de patrocinadores. Mas essas possibilidades, até o momento, são apenas especulações. E ainda assim, esses impulsos após momentos de sucesso, via de regra, são temporários, cessando algum tempo após a conquista. A seleção feminina viveu isso no período em que chegou em duas finais olímpicas (2004 e 2008), conquistou o Pan em casa (2007) e chegou em uma final mundial (2007). Essa situação é comum não apenas no futebol de mulheres, mas em vários outros esportes que não o futebol dos homens.

³ Fala publicada em reportagem do site da Revista Istoé. Disponível em: <<http://www.isto2016.com.br/respeite-sua-majestade/>>.



Seleção brasileira antes do amistoso contra a Nova Zelândia, no Pacaembu em 2015.

Foto: Rafael Ribeiro / CBF.

Na perspectiva dos clubes, a criação da seleção permanente não foi vantajosa. Isso porque, com a saída dos principais nomes do futebol nacional de suas equipes, as competições se tornam enfraquecidas e menos atrativas. E justamente as equipes que vinham se destacando no futebol de mulheres, a partir de investimento raramente encontrado na modalidade, são as mais prejudicadas. Na primeira convocação do projeto, realizada no começo de 2015, 21 das 27 convocadas eram oriundas de apenas três equipes: São José, então campeão mundial de clubes; Ferroviária, então campeão brasileiro e Centro Olímpico, campeão brasileiro de 2013. A própria CBF parece ter notado que tirar suas craques das competições nacionais não era lá muito interessante. Indício disso foi a decisão de incluí-las nas equipes que passassem para a segunda fase do Campeonato Brasileiro, ainda no ano passado.

No primeiro ano da experiência, o Brasil obteve dois títulos em quatro disputados. Em março, na Copa Algarve, o Brasil ficou em 7º



lugar entre 12 equipes. Na Copa do Mundo da FIFA, que aconteceu entre junho e julho, a equipe caiu nas oitavas de final ao perder para a Austrália. Pouco tempo depois, a equipe seguiu para a disputa dos Jogos Panamericanos. Sem a presença da potência Estados Unidos, o Brasil era favorito e justificou o status ganhando todas as partidas disputadas com resultados incontestáveis. A última competição do ano foi o Torneio Internacional de Natal. Novamente o Brasil era favorito em uma disputa que contava apenas com outras três equipes: Canadá, México e Trinidad e Tobago. Sem maiores dificuldades, a seleção fechou o ano com o sexto título do torneio. Contudo, a impressão deixada no Mundial é de que o Brasil ainda é consideravelmente inferior às duas maiores potências do futebol feminino, Estados Unidos e Alemanha. Por outro lado, a disputa de quatro torneios ao longo do ano significou uma grande possibilidade de visibilidade à seleção. O Torneio Internacional de Futebol Feminino, que ocorre anualmente no Brasil desde 2009, representa, inclusive, uma importante oportunidade de ver ao vivo a equipe nacional, podendo aproximá-la do público.



Seleção brasileira após o título do Torneio Internacional de Futebol Feminino de 2015.

Foto: Rafael Ribeiro / CBF.



Recentemente outro fenômeno pode comprometer a ideia de manter a seleção permanente: a saída de atletas do seletivo grupo para clubes do exterior. Desde o início, o projeto pareceu viável a partir de um cenário no qual a maioria das convocáveis estava no Brasil. O piso salarial do selecionado, segundo a CBF noticiou, é de 9 mil reais. Esse valor é consideravelmente mais alto do que a média das principais equipes do país, próxima dos 2 mil reais, mas inferior ao que pagam muitos clubes estrangeiros. Assim, se é fácil atrair futebolistas que ainda estão em terras brasileiras a abandonarem seus clubes para se juntar à equipe da CBF, aquelas com propostas do exterior dificilmente tomariam a mesma decisão. Isso ficou evidente logo na primeira convocação quando Bia e Marta, com contratos com o Hyundai Red Angels (da Coreia do Sul) e com o FC Rosengård (da Suécia), respectivamente, ficaram de fora do grupo.

Nesse início de ano, oito atletas que fizeram parte da seleção permanente iniciam a temporada em equipes estrangeiras. A zagueira Mônica foi para o Orlando Pride e a meio-campo Andressinha para o Houston Dash, ambos dos Estados Unidos; a lateral esquerda Tamires partiu para o Fortuna Hjørring, da Dinamarca; a atacante Debinha para o Avaldsnes IL, da Noruega; a atacante Andressa Alves para o Montpellier e a zagueira Erika e a atacante Cristiane para o PSG, os dois da França; e a zagueira Rafaele, que ano passado deixou que ir para uma equipe dos Estados Unidos para ingressar na seleção permanente, agora é atleta do Changchun, da China.

Das 23 atletas que disputaram a Copa do Mundo no ano passado, 11 atualmente jogam fora do país. Além de Marta e Bia que recusaram a permanente e seis das oito egressas do grupo (Erika e Debinha, por motivo de lesão, não foram ao Mundial) também compuseram a seleção Rosana, atualmente no PSG (França), Rafaela



Travalão, no Boston Breakers (Estados Unidos), e Poliana, no Stjarnan, da Islândia.

Assim, entre os destinos escolhidos pelas treze atletas previamente mencionadas, todas com possibilidade de figurarem na lista dos Jogos Olímpicos desse ano, constam oito países: Suécia, Coreia do Sul, Estados Unidos, Dinamarca, Noruega, França, China e Islândia. Na seleção dos Jogos de 2012 havia sete atletas jogando em três países: Rússia (Fabiana, Aline, Cristiane e Ester), França (Rosana) e Suécia (Marta e Elaine). Já no grupo de 2008 eram oito jogadoras de seis países, sendo eles: Espanha (Andréia), França (Simone), Dinamarca (Renata Costa), Suécia (Daniela Alves, Marta e Cristiane), Japão (Pretinha) e Áustria (Rosana). Parece, assim, que a seleção permanente não foi capaz de conter a circulação de jogadoras brasileiras para fora do país. O próprio coordenador de Futebol Feminino Marco Aurélio Cunha, em fala conformada, reconhece o processo: “Os mercados se abriram para as meninas e eu não posso impedir isso”⁴. Ainda que o time da CBF possa ser menos instável que os times brasileiros, cujo aporte financeiro que garante a manutenção das equipes a cada temporada é bastante incerto, as motivações para sair do país – tanto financeiras quanto profissionais e pessoais – continuam existindo.

⁴ Fala publicada em reportagem do site da Revista Istoé. Disponível em: <<http://www.isto2016.com.br/respeite-sua-majestade/>>.



Marta em ação pela seleção brasileira.
Foto: Vlademir Alexandre / ALLSPORTS.

Cabe, inclusive, uma observação mais atenta a esse aparente aumento do fluxo para o exterior. O nome da empresa Orange Blue Sport (OBS), do empresário português Luís Filipe Silva, vem surgindo em páginas de facebook de algumas atletas, indicando alguma forma de agenciamento, mas há poucas informações disponíveis sobre a organização e seu papel nas transações das brasileiras recém-saídas (se é que ele existe). Se, de fato, houver tal atuação, seja pela OBS ou outras empresas ou empresários é uma mudança com relação às migrações de períodos anteriores, bastante baseadas em indicações entre as próprias atletas (PISANI, 2014). Isso indicaria um maior profissionalismo nessas transferências.

De todo modo, parece evidente que a seleção permanente cada vez reúne menos atletas que de fato participarão das principais competições internacionais. Além disso, são justamente as principais



expoentes que debandam. Assim, antes mesmo de ser possível avaliar os resultados do “projeto seleção permanente”, sua estrutura parece se desmontar. Não seria esse um impulso suficiente para repensar essa estratégia de incentivo ao futebol de mulheres nacional, focando mais nos clubes, no incentivo à prática e à formação de atletas e menos na seleção principal? Ações desse tipo estão em curso, como o incentivo a equipes de mulheres a partir do Profut e a manutenção da Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro, mas elas não bastam. Um eventual título olímpico não pode esconder isso.

Referências

PISANI, Mariane da Silva. Migrações e deslocamentos de jogadoras de futebol: mercadoria que ninguém compra? *Esporte e Sociedade*, v.9, n.23, mar.2014.



De Blatter a Infantini: Novas perspectivas para o Futebol Feminino

Luiza Loy Bertoli

Suellen dos Santos Ramos

No dia 26 de fevereiro, foi realizada a eleição que nomeou Gianni Infantino como o novo presidente da FIFA e sucessor de Joseph Blatter. Dias depois de assumir o cargo, Gianni participava da II Conferência Futebol Feminino e Liderança, organizada pela entidade em Zurique (Suíça), no dia 07 de março. O encontro teve como foco organizar reformas em prol da igualdade de gênero na modalidade, tanto para as mulheres que praticam futebol, quanto para as mulheres que almejam cargos na gestão desse esporte.

Uma das reformas aprovadas no evento é de que, pelo menos, seis mulheres serão incorporadas ao novo conselho que substituirá o Comitê Executivo (órgão responsável por tomar as principais decisões da instituição). Atualmente, o Comitê Executivo da FIFA conta com a presença de uma única mulher: Lydia Nsekera, que foi membro do Comitê Olímpico Internacional em 2009 e em 2012 foi a primeira mulher a integrar a organização.



Gianni Infantino.
Foto: Twitter (reprodução).

Em fala, durante a II Conferência Futebol Feminino e Liderança, o então presidente, Gianni Infantino, assumiu o futebol feminino como prioritário: “O futebol feminino e a mulher no futebol são uma prioridade, são parte da solução para o futuro deste desporto”, disse. Não foi o primeiro momento em que o futebol feminino é mencionado como uma prioridade na FIFA; O ex-presidente Joseph Blatter, em janeiro de 2013, apostou alto no futebol feminino. Acreditava que a expansão mundial partia das federações nacionais e previa serem “as mulheres o futuro do futebol”.

Estas primeiras explanações surgem com o intuito de fazer um balanço a nível nacional das mudanças ocasionadas a partir da fala do



presidente da maior entidade do futebol no ano de 2013, até os tempos atuais. Buscando perspectivas para os próximos anos e questionando: quanto o comandante da entidade suprema do futebol influencia nas ações brasileiras para o desenvolvimento do futebol feminino? O que mudou de uma fala para outra? Algumas ações já podem ser percebidas, tanto dentro, quanto fora de campo.

A CBF reiniciou em 2013, o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, que contou com apoio da Caixa Econômica Federal para seu financiamento. Participaram desta primeira edição as 20 melhores equipes ranqueadas pela entidade. A competição que trazia dúvidas em relação a sua continuidade já está na quarta edição. A novidade deste ano são os clubes de camisa que ingressaram no Brasileirão: América – MG, Corinthians – SP, Flamengo – RJ, Santos – SP e Vasco da Gama – RJ, o que de certa forma dá maior visibilidade à disputa. Com início no dia 20 de janeiro de 2016 e a participação de 20 times, o campeonato se encontra na fase das quartas-de-final. Em virtude da Copa Algarve, a competição sofreu uma pausa na metade de fevereiro reiniciando em março, com as oito melhores equipes já classificadas.



Pamela comemora gol pelo C.R. Flamengo no jogo contra E.C. Viana, válido pelo Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, no estádio Djalma Campos em Viana (MA), em 17 de janeiro de 2016.

Foto: Biaman Prado / ALLSPORTS

Na semana posterior à declaração de Gianni Infantino, a Seleção Brasileira estreava na Copa Algarve pela segunda vez. Esse campeonato acontece desde 1994, mas contou com a presença das brasileiras somente em 2015. Em sua primeira participação, a equipe canarina finalizou a competição em sétimo lugar entre doze Seleções. Já em 2016, um ano após a criação da Seleção Permanente, as brasileiras conquistaram o segundo lugar, perdendo apenas para o Canadá na disputa final. Para quem não conhece ou nunca ouviu falar, a Seleção Permanente foi convocada pela primeira vez em janeiro de 2015, com objetivo de melhor preparar as jogadoras para as competições internacionais, principalmente, a Copa do Mundo do mesmo ano e os Jogos Olímpicos de 2016.



Envolveu a contratação de um grupo seleta de 27 jogadoras pela CBF, que fornece ao elenco as instalações da Granja Comary em tempo integral e salários mensais de até R\$ 9 mil. O projeto tem seus pontos positivos e negativos. Uma das vantagens é a estabilidade salarial e de trabalho proporcionada às atletas, visto que em clubes que disputam o Campeonato Brasileiro, a remuneração não passa de R\$ 2,5 mil mensais e por muitas vezes suas instalações são precárias e as condições de treinamento são inconstantes. Além disso, o benefício de se manter uma equipe em treinamento constante é de que a mesma se torna competitiva e de qualidade. E uma das desvantagens envolve exatamente esses clubes que participam de campeonatos nacionais e “perderam” suas jogadoras para a Seleção Permanente, resultando na queda de qualidade das equipes e no enfraquecimento das competições, uma vez que a maioria do elenco é oriunda dos clubes que mais se destacavam no cenário nacional. O projeto Seleção Permanente já colheu alguns frutos e resultados positivos, sendo eles dois títulos: dos Jogos Pan-Americanos e do Torneio Internacional de Natal, ambos em 2015.



Foto das jogadoras e da comissão técnica do Brasil ao conquistar a taça do Torneio Internacional de Futebol Feminino 2015.

Foto: Rafael Ribeiro / CBF.



A sétima edição da Copa do Mundo foi sediada pelo Canadá e teve início dia 06 de junho. Foi marcada pela quantidade de equipes na competição que passou de 16 para 24 seleções. O Brasil encerrou a participação nas oitavas de final, sendo derrotado pela Austrália pelo placar de 1 a 0. Nessa edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino, outra novidade foi o lançamento do álbum de figurinhas da Copa com todas as atletas das Seleções participantes. Em 2011 na Copa do Mundo da Alemanha, o álbum circulou somente do país sede, como o resultado surpreendeu, a Panini expandiu a distribuição para os demais países participantes da competição na edição de 2015. Com isso, as vendas no Brasil tiveram início em maio do mesmo ano.

No ano de 2015 a CBF investiu R\$ 18,258 milhões no futebol feminino, quase o dobro do valor do ano anterior (R\$ 9,583). Do legado da Copa do Mundo de 2014, R\$ 45 milhões foram destinados ao futebol feminino, a quantia ainda é considerada pequena para um país como o Brasil, mas devemos admitir que nunca se aplicou tanto na modalidade. E os investimentos não chegam apenas por parte da Confederação Brasileira de Futebol. Um grande apoiador tem sido o Ministério do Esporte através de algumas intervenções feitas pela entidade. Entre elas, o aporte ao Campeonato Brasileiro desde 2013 e à Copa Libertadores da América desde 2012. São 137 jogadoras beneficiadas com a Bolsa Atleta, e 22 atletas que servem a Seleção, com o provento do Plano Brasil Medalha. Por meio da Lei de Incentivo ao Esporte, será construído em Foz do Iguaçu (Paraná), um Centro de Excelência de Futebol Feminino, que contará com dois campos, alojamento, academia, ginásio e vestiários. O CT servirá de base para treinamentos de times e seleções de futebol feminino., mas ainda sem data para inauguração.



Em 04 de agosto de 2015, o governo implantou uma lei, que se pode compreender como incentivo ao futebol feminino, foi a criação do Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro (PROFUT) – um programa do governo para clubes prolongarem o prazo para quitar dívidas e pendências – mas há uma exigência na Seção X do Artigo 4º onde os clubes terão que apresentar um investimento mínimo na formação de atletas e no futebol feminino. Já são 111 times que aderiram ao PROFUT, com isso, houve o crescimento na participação de times de camisa no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, como dito anteriormente.



A presidenta Dilma Rousseff durante cerimônia de assinatura MP do Futebol, no Palácio do Planalto.

Foto: José Cruz / Agência Brasil.

Além de investimentos, a visibilidade para o futebol feminino e para a história das mulheres nesse esporte vem aumentando. Citamos algumas estratégias extracampo que estão mobilizando a modalidade. Está acontecendo desde o dia 08 de janeiro no SESC SP, a Exposição Futebol Delas, organizada pela jornalista Lu Castro – Exposição que



retrata por meio de textos, vídeos, fotografias e objetos pessoais de atletas e comissão técnica, a história de 20 anos da participação da seleção brasileira de futebol feminino nas cinco edições do torneio olímpico. E no Museu do Futebol há Exposição da Visibilidade para o Futebol Feminino, até o dia 08 de abril, onde conta a história das mulheres que lutaram pelo direito de jogar, com objetivo evidenciar o futebol feminino provocando nossa forma de enxergar a história desse esporte.



Joseph Blatter, quando presidente da FIFA, em fala durante o sorteio dos grupos para a Copa das Confederações, em 1 de dezembro de 2012.
Foto: Mowa Press.

Analisando estes três anos que se passaram, podemos concluir que a nível nacional, tivemos avanços significativos no futebol feminino, no entanto, não se pode afirmar que tais avanços foram diretamente influenciados pelo ex-presidente da FIFA Joseph Blatter ou simplesmente pela pressão interna de quem faz parte da modalidade no país. Destacamos os esforços para o desenvolvimento e fomentação do futebol feminino brasileiro, assim como deixamos a avaliação de que



ainda há muito para evoluir, por exemplo, os campeonatos estaduais praticamente não tiveram alterações. Os esforços em prol da modalidade parecem estar voltados prioritariamente para a seleção nacional. O Brasil segue como um dos países mais conservadores quando se trata de futebol e mulheres, principalmente em relação ao preconceito e visibilidade. Mas hoje, podemos arriscar que finalmente vislumbramos um futuro na modalidade. E as palavras de Gianni Infantino, além de esperança, nos dão fôlego.



Eu desisti do futebol, mas ele não desistiu de mim

Laura Giovana Andrade

Eu sempre gostei de jogar futebol. Não sei se pela influência dos meus pais, mas desde que me entendo por gente me vejo querendo muito participar desse jogo, dessa reunião. No entanto, o espaço nem sempre faz possível à prática de futebol por meninas então eu tive que jogar com os meninos. Tudo o que fiz de significativo na infância foi isso. Da escola não lembro nada que eu tenha feito que não tenha uma relação direta ou indireta com isso. Se eu estava em uma aula de ciências, eu logo pensava que possivelmente aquilo se aplicaria no futebol. Em uma aula de português eu procurava aprender a escrever as coisas que eu gostava: gol, goleiro, bola, chutar... Eu passava boa parte do tempo esperando pelo tempo que eu iria jogar, correr, rir. Lembro-me de não entender muito bem porque as outras meninas não viam aquilo também, mas é que a gente vai crescendo e vendo que todo mundo é diferente na sua essência e que isso apesar de bom te faz sentir meio sozinho. Eu era a única menina correndo atrás da bola no recreio, brigando com o menino maior porque ele tirou a quadra no dia que era da minha turma. Eu era a única menina desganhada nos períodos finais da aula e principalmente a única a não ligar para isso.

Porém eu me sentia sozinha. Eu queria alguém como eu para dividir a alegria de fazer o gol, para passar a tarde conversando sobre aquele lance que inacreditavelmente saiu em gol ou até mesmo para chorar quando aquele menino mal intencionado chutava a bola muito forte. Mas agora, pensando em retrospecto, o que eu queria mesmo era alguém que entendesse o que era ser uma menina e, principalmente, o que era ser uma menina que joga futebol.



Eu morava em uma cidade pequena. As escolinhas de futsal que existiam aceitavam meninas por conta e risco dos pais e os meus, por sorte, queriam correr o risco. Na cidade o preconceito era mascarado de limites que impunham medo. “Tu vai te machucar!”, “Quem sabe tu espera crescer um pouquinho, né?”, “Os meninos são muito passadinhos!” e “Tu é muito bonita para levar bolada!”. Coisa que eu não entendia muito bem porque eu era tão feliz e que mal há em ser tão feliz? Vendo que eu não ia desistir tão fácil, permitiram que eu jogasse as competições do município – com os meninos.

Foram jogos inesquecíveis de derrotas e vitórias. Fui campeã municipal levantando a taça como capitã da equipe e ali não só o sentimento de vitória emergiu, mas o sentimento de pertencimento. Eu fazia aquilo. Eu pertencia aquilo. Ali eu não precisava buscar significado, ali eu não precisava esperar pelo momento de fazer o que eu gostava, eu já estava fazendo. Eu não precisava provar alguma coisa. Nem pra mim. Eu era única? Era e tudo bem.



Meninas e meninos jogam futebol juntos no “Sony Dream Goal”, evento realizado em 5 de junho de 2014, no Museu da República, Rio de Janeiro (RJ).

Foto: Francisco de Souza / Getty Images.



Eu tinha 12 anos e já sabia o que eu queria para os próximos 50. Sem titubear. Só que nessa idade, o preconceito vira só preconceito mesmo. “Futebol não é coisa de menina!”, “Menina que joga futebol é sapatão!”, “Tu é uma menina ou menino? Não sabia que menina jogava futebol...” e mesmo quando falava a verdade, era ofensivo: “Futebol não serve para menina. Tu vai passar fome”. E nesse momento, eu entendi muito bem. Muito por estar sozinha no meio dos meninos, eu de fato me senti sozinha e me dei por vencida. Troquei de esporte. Foram quatro anos jogando voleibol sob olhares constantes de aprovação. Sob pronta aceitação e incentivo. Agora eu não era a única menina e nem eu sabia o quanto aquilo faria diferença. Eu me apaixonei pelo vôlei e como toda nova paixão, esta fez questão de esmaecer o gosto da outra. Parei de jogar futebol com 13 anos.

A escola tornou-se mais presente na medida em que o futuro se mostrava cada vez mais exigente. A velha pergunta do que seremos quando crescermos batia na porta e eu tinha que abrir. Conciliando estudos e esporte, viajei por este estado e por outros jogando vôlei. Vivi momentos de muita alegria dentro de quadra, ganhando jogos impossíveis, embora perdendo noites e domingos com a família. Viagens de fim de semana onde a vida toda resumia-se em jogar. Lembro de chegar em casa e pensar que tinha valido a pena desistir do futebol só para viver aquilo.

Com 16 anos prestei e passei no vestibular de Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fato que implicaria em uma mudança: sair de casa. E eu saí. Devo dar esse mérito ao esporte porque ele, e nesse ponto não faz diferença a modalidade, exige de ti coragem quando na verdade tu só sente medo, exige confiança quando não há garantias(e não é essa por si mesma a vida?).

Já devidamente instalada na nova moradia, lembro-me de sentar na cama e querer desesperadamente voltar para casa e assim como



quando eu era a única menina que jogava futebol, eu me senti sozinha. Seis meses depois, sabendo de um campeonato interno que aconteceria na faculdade, e mais por não ter nada para fazer, fui jogar futebol. Meu primeiro jogo em três anos. Eu nem lembrava direito como era a sistemática e por vezes me pegava esperando a rede ser montada. Era tudo novo de novo pra mim. Só que agora eu não era a única, havia mais outras trinta meninas jogando.

Descobri nesse dia também que existia uma equipe universitária de futebol feminino que se reunia para treinar e jogar campeonatos. Convidada para fazer parte dela, eu voltei a jogar e descobri: “Futebol é para menina sim.” “Jogar futebol não quer dizer nada mais que isso”. Ano passado, na semifinal dos jogos universitários gaúchos, disputamos nos pênaltis a vaga para a final. Estávamos abraçadas umas nas outras no meio da quadra e quando o último pênalti foi convertido garantindo a nossa vitória, corremos e pulamos de alegria. Ali eu senti que nunca foi só o gosto pelo esporte, era todo um significado de existência.

Vejo que, ao contrário do que eu escolhi há seis anos, eu jogo futebol – e não deixei de jogar vôlei – com outras meninas que passaram por todas as coisas que eu passei. Que como eu, sentiram na pele o preconceito e por conta dele a falta de incentivo. E com isso, pergunto-me, portanto, por que continuamos a jogar. Por que, apesar de toda a maré contrária, continuamos com isso. Hoje, posso dizer que não jogamos pelo simples motivo de gostar ou de vencer campeonatos. Jogamos porque, com o perdão da redundância, juntas não estamos sozinhas.



Estará um dia o futebol livre da homofobia?

William Charles Osório Gomes

Em 4 de julho de 2012, o atacante Emerson Sheik marcou os dois do Corinthians sobre o Boca Juniors na final da Copa Libertadores da América daquele ano, sendo este o primeiro e único título corinthiano desta que é a maior competição de clubes de futebol do continente americano. Ainda podemos adicionar que foi de Emerson o gol da vitória no jogo de ida, na Vila Belmiro, nas semifinais da mesma competição. No jogo seguinte, um empate no Pacaembu e o Corinthians eliminava o Santos de Neymar, Ganso e Muricy Ramalho, até então atuais campeões da América. Estes dois gols gravaram o nome de Sheik para sempre na história do Corinthians, gols tão – ou mais – importantes quanto o de Basílio na final do Campeonato Paulista de 1977, por exemplo.

Apesar de ter sido o grande herói da conquista inédita do Corinthians e ter caído nas graças da torcida, Emerson foi duramente criticado pouco mais de um ano depois, por uma foto postada em sua conta numa rede social. Em agosto de 2013, após vitória sobre o Coritiba em partida válida pelo Campeonato Brasileiro, Sheik postou em uma rede social uma foto dando um selinho em um amigo. A repercussão da imagem foi extremamente negativa por parte da torcida corinthiana. Torcedores chegaram a ir ao CT do time protestar contra o jogador portando uma faixa na qual estava escrito “vai beijar a p.q.p. Aqui é lugar de homem”, além de gritarem “viado não aceitamos” e “viado é lá no Morumbi”⁵. Emerson, antes herói, agora passava por maus bocados junto à torcida que não admitia em hipótese alguma que um jogador manchasse a honra do clube com fotos como esta. Apesar

⁵ <http://www.foxsports.com.br/news/115997-torcedores-vao-ao-ct-do-timao-exigir-pedido-de-desculpa-de-sheik>



de não estar fardado com o uniforme do clube e estando fora do seu ambiente de trabalho, o jogador é entendido como um representante do clube pelo qual está cumprindo contrato. No caso de Sheik, o Corinthians. A torcida que compareceu ao CT demonstrou que entende que fotos como está não representam o clube, não demonstram bravura, força e virilidade. Não reforçam a heteronormatividade esperada para o ambiente do futebol.

Após o caso do selinho, Emerson foi emprestado ao Botafogo e dispensado pelo Corinthians ao final de 2014. Este é um dos casos de homofobia que mais repercutiu na imprensa brasileira nos últimos anos. O jogador, ídolo, herói de um título inédito para o clube, sendo repreendido por seus torcedores por acontecimento extra campo, por um acontecimento que em nada, teoricamente, afetaria o seu desempenho dentro de campo. Por que os torcedores não aceitariam este jogador, que se mostrava competente no ataque corinthiano, pelo simples fato dele poder ser gay? E, cabe lembrar, que mesmo com a intenção de levantar a questão do preconceito dentro do futebol e se posicionar contra a homofobia, Sheik em seu post fez questão de pedir que seus seguidores vasculhassem as suas redes sociais antes de fazerem qualquer julgamento sobre a sua orientação sexual. Em sua conta nesta rede social Emerson Sheik, volta e meia, aparece acompanhado de alguma beldade.



Emerson Sheik no CT Joaquim Grava, no dia 27 de abril de 2015.
Foto: Daniel Augusto Jr. / Ag. Corinthians.

Agora podemos imaginar o que aconteceria se um jogador brasileiro assumisse publicamente ser homossexual? Quais as proporções disto para a carreira deste jogador, qual a repercussão de seus companheiros de equipe, ou de seu técnico em saber que há um jogador homossexual em sua equipe? No início dos anos 90, Justin Fashanu, primeiro jogador negro da Inglaterra a ser negociado por um valor superior a um milhão de libras, foi também o primeiro jogador da Premier League a assumir publicamente ser homossexual. Após a declaração, Fashanu rodou por várias equipes de menor expressão da Escócia, Suécia, Inglaterra e Estados Unidos, numa trajetória pouco expressiva considerando o potencial que o jogador apresentava até então.

Em março de 1998, ele foi acusado, nos Estados Unidos, de abusar sexualmente de um adolescente de 17 anos. Com medo de ser preso, fugiu para a Inglaterra, onde em maio do mesmo ano foi encontrado morto em uma garagem, onde se suicidou. Em sua carta de



despedida, Justin admitia que se relacionou com o jovem, mas de forma consensual e disse que fugiu dos Estados Unidos por considerar que não receberia um julgamento justo por ser homossexual. Mais tarde a acusação foi arquivada por faltas de provas.

Esses dois eventos, de Sheik e Fashanu, são suficientes para percebermos que a homofobia e o preconceito são de fato constatados dentro do futebol. Ao compararmos as manifestações homofóbicas sofridas por Emerson e Justin é possível imaginar que pouco tenha se evoluído com relação a essa forma de preconceito no futebol. Contudo, também é possível identificar episódios nos quais a reação à homossexualidade de futebolistas foi aparentemente de maior apoio, respeito e tolerância – por parte da família, colegas jogadores e torcedores – do que o preconceito. Cito o exemplo do ex-volante alemão Thomas Hitzlsperger, já aposentado. O jogador assumiu ser homossexual em uma entrevista para a revista alemã Die Zeit: “declaro minha homossexualidade porque quero ver progressos neste tema no mundo do esporte profissional”⁶. Em reportagens veiculadas em seguida, o jogador disse que o apoio da família foi fundamental para debater a causa e que após a revelação a repercussão foi muito positiva, principalmente nas redes sociais. Até mesmo o governo alemão, por meio de seu porta-voz, Steffen Seibert, aprovou a atitude do jogador afirmando que “vivemos em um país onde ninguém deve ter medo de reconhecer a sua sexualidade por causa da intolerância”. Também o atacante alemão Lukas Podolski se manifestou em sua conta numa rede social: “brava e correta decisão. Respeito Thomas Hitzlsperger. Sua atitude é um importante sinal em nossos tempos”. Contudo, apesar da repercussão positiva, Thomas comentou que apenas dois jogadores fizeram contato com ele desde a revelação.

⁶ <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/ex-jogador-alemao-assume-homossexualidade>.



Outro exemplo no mundo do esporte profissional, é do jogador norte americano Robbie Rogers. O atleta assumiu sua homossexualidade no início de 2013, quando decidiu aposentar-se de forma precoce. Contudo, após três meses afastado dos gramados, o atleta foi contratado pelo Los Angeles Galaxy, onde joga até hoje. Em sua estreia pelo time californiano, entrando aos 32 minutos do segundo tempo em um jogo contra o Seattle Sounders, Robbie foi aplaudido de pé por cerca de 25 mil torcedores que acompanhavam a partida (ver vídeo abaixo). Em 2015, a camiseta de Rogers foi umas das mais vendidas da Liga, a frente das de Giovinco, Drogba e Giovani dos Santos, craques de renome mundial.

Em outras modalidades esportivas também encontramos episódios de aceitação de jogadores homossexuais. No basquete, Jason Collins foi o primeiro jogador da NBA (National Basketball Association) a se assumir homossexual, no final da temporada 2012/2013. O atleta ganhou apoio da torcida e até mesmo do presidente Barack Obama, além de ver a sua camiseta sendo a mais vendida da liga no mesmo ano. Ainda nos Estados Unidos, temos dois exemplos na NFL (National Football League). O primeiro, Michael Sam, assumiu ser homossexual pouco antes de ser draftado, em 2014. Inspirado por Michael Sam, Edward Sarafin assumiu ser homossexual na sua transição de jogador universitário para profissional quando assinou contrato com o St. Louis Rams. Os exemplos ainda são poucos, mas possibilitam certo otimismo.

O futebol vai além do seu valor esportivo, de ser um jogo, de ser uma atividade física. O futebol tem um papel muito amplo no contexto social e cultural de uma sociedade, na qual é difundido. No Brasil, o futebol é inclusive um sonho de inúmeras crianças, sobretudo para jovens de classes baixas que pretendem por meio deste esporte garantir uma vida confortável no futuro para suas famílias, representando uma



chance de ascensão social. Também é o futebol a principal forma de lazer de boa parte da população, seja jogando, seja torcendo.

Na cultura do futebol é visto com muito bons olhos a força, a velocidade, o poder de liderança, de se mostrar forte, a afirmação da masculinidade; são características entendidas como fundamentais para um jogador de futebol. Características estas que, no senso comum, pouco são relacionadas aos indivíduos homossexuais. Atribui-se a figura do homossexual uma fragilidade e uma passividade. Um homossexual, por acaso, não pode ser forte, veloz, ser um líder, demonstrar masculinidade? Para muitos, essa orientação desabilita um indivíduo a jogar futebol, excluindo estes da prática do futebol. Devido a essa discriminação, mesmo que o indivíduo tenha habilidade necessária para chegar ao futebol de alto rendimento, ele é excluído da prática ou se vê obrigado a esconder sua orientação sexual. Imaginando que vários jogadores foram excluídos pela falta destas características “viris”, ou então que deixaram de praticar futebol por conta de preconceito sofrido, poderíamos esperar que se jogadores homossexuais tivessem a chance de se desenvolver em um grande clube sem sofrer preconceito, algum deles poderia atingir níveis técnicos alcançados por grandes jogadores da atualidade, como por exemplo, Messi ou Cristiano Ronaldo. Poderíamos ter um jogador homossexual idolatrado por milhões. Porém, como pode um homossexual almejar ser um jogador profissional, se um dos principais xingamentos ouvidos em estádios de futebol é o menosprezo em relação à sua orientação sexual?



Bandeira LGBT.
Foto: Marcelo Camargo / Agência Brasil.

A FIFA (Federation Internationale de Football Association) deu um pequeno passo a fim de coibir atos homofóbicos oriundos das torcidas. A entidade anunciou sanções contra federações de futebol de países da América por conta de cânticos homofóbicos oriundos das torcidas. Argentina, Chile, Honduras, México, Peru e Uruguai foram punidos com multas que variaram entre 20 e 70 mil francos suíços em março deste ano⁷. A Federação Mexicana de Futebol saiu na frente no combate a tais manifestações e fez uma campanha com suas principais estrelas pedindo que as diferenças sejam respeitadas e que ninguém seja discriminado⁸. No Brasil, seria interessante que a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) propusesse uma ação semelhante

⁷ <http://trivela.uol.com.br/fifa-pune-paises-por-cantos-homofobicos-podemos-ficar-esperancosos/>

⁸ <http://sportv.globo.com/site/programas/planeta-sportv/noticia/2016/04/federacao-mexicana-lanca-campanha-contra-homofobia-apos-punicao-da-fifa.html>.



a esta da FIFA para combater este tipo de preconceito dentro dos estádios de futebol, uma vez que a Confederação já tomou medidas cabíveis para coibir outro tipo de preconceito dentro dos estádios, as de cunho racial.

O exemplo de represália mais recente foi a exclusão do Grêmio das oitavas de final da Copa do Brasil de 2014, por xingamentos de cunho racista vindos da torcida gremista tendo como alvo o goleiro Aranha. Talvez uma punição mimética à sofrida pelo Grêmio ou então multas como as aplicadas pela FIFA possam intimidar os torcedores e ainda levar o clube a tomar medidas contra a homofobia. Claro que medidas punitivas são apenas um caminho agudo contra este tipo de discriminação, algo que em curto prazo pode diminuir a frequência com que escutamos xingamentos entoados pelas torcidas durante os jogos, mas que não necessariamente modifica o fenômeno da homofobia propriamente dito. De todo modo, não punir atos homofóbicos e punir atos racistas, me parece também uma conivência com este hábito preconceituoso. A aceitação da homofobia e a contrariedade ao racismo, parece assim, que levamos a homofobia como uma atitude jocosa ou de desestabilização o adversário, enquanto o racismo é de fato combatido e tratado como crime. Enquanto houver xingamentos homofóbicos nos estádios e estes forem presenciados e incentivados, isto vai ecoar futuramente nos torcedores mais jovens, que vão ao estádio desde criança, fazendo com que o preconceito tenda a perdurar.



Jogadores do Grêmio carregam faixa contra o racismo.
Foto: Edison Vara/ Grêmio FBPA.

Não apenas os jogadores são vítimas de atos homofóbicos, mas os árbitros também sofrem com estes tipos de xingamentos vindos das arquibancadas. O caso do árbitro espanhol Jesus Tomillero é o mais recente. Após assumir ser homossexual e ver a torcida focar os xingamentos em sua orientação sexual, o juiz preferiu “pendurar o apito” por não ter o apoio do comitê de árbitros da sua região e da Federação Espanhola de Futebol.

Dentro das torcidas o preconceito também acontece. A mesma Gaviões da Fiel que incentivou, através de uma nota oficial, seus integrantes a substituírem o grito “oooh, bicha”, por “vaaai Corinthians”⁹, na hora em que o goleiro adversário bate o tiro de meta, com o intuito de diminuir este tipo preconceito e ainda incentivar o

⁹ <http://torcedores.com/noticias/2016/05/em-nota-gavioes-pede-para-corintianos-pararem-de-gritar-bicha-nas-arquibancadas>



time, expulsou um de seus diretores após mensagens eróticas entre ele e outro homem tornarem-se públicas. Este foi o gatilho para uma enxurrada de mensagens preconceituosas, muitas provindas dos próprios integrantes da torcida, entre as quais houve inclusive a defesa de que o suposto integrante homossexual deveria levar uma surra.

VISTA A SUA CAMISA COM ORGULHO!

Apesar das muitas cores dos uniformes dos clubes brasileiros, nas nossas arquibancadas ainda predominam os tons acinzentados da homofobia.

Preconceito contra atletas e violência contra torcedores são práticas recorrentes, que precisam ser rechaçadas.

Neste domingo, 04/05, venha com a camisa de seu time para a Parada LGBT.

Vamos transformar a avenida Paulista numa grande arquibancada, alegre e colorida.

Uma arquibancada onde predomine o orgulho e a legitimidade da diversidade sexual, sem violência, sem intolerância, sem preconceito.

NA PARADA LGBT DO DIA 4 DE MAIO

Divulgação da campanha de combate à homofobia nos estádios – Vista sua camisa com orgulho – realizada em 2014 pelo Ludens/USP (Núcleo de Pesquisa sobre Futebol e Modalidades Lúdicas) com o apoio da própria USP e da Prefeitura de São Paulo.

No Brasil, infelizmente, a resistência à participação de homossexuais no âmbito do futebol ainda parece ser bastante grande. A condição de homossexual parece ser vista pela torcida, ou até mesmo por dirigentes, como um limitador para o atleta, como um aspecto que o torna um mau representante do clube, independentemente de suas qualidades técnicas. Nem mesmo os interesses mercadológicos de



incluir novos consumidores – possibilitando arrecadações com ingressos, camisetas, planos de sócios, entre outros – motivou dirigentes a se posicionarem contra a homofobia. Não temos ainda uma data definida para que todos possam entrar no estádio e torcer juntos, para entoar apenas cânticos em apoio para o seu time do coração, sem menosprezar ninguém por sua orientação sexual, crenças religiosas, posição política, ou seja qual for sua individualidade. Que o futebol seja, um dia, uma área de livre-comércio de amor e paixão pelo seu clube.



Conhecer para reconhecer: a história de Ivete Gallas

Pamela Siqueira Joras

Com o intuito de visibilizar o futebol praticado pelas mulheres no Brasil, no dia 8 de abril de 2015, a Conferência realizada no Museu do Futebol com intitulada “Futebol e Mulheres no Brasil: Conhecer para reconhecer” a professora Silvana Goellner nos convida a refletir como iremos dar o devido reconhecimento e respeito as jogadoras, ex-jogadoras, gestoras, treinadora etc., se nem ao menos conhecemos suas histórias? Nesse sentido utilizo-me da fala Conhecer para reconhecer no título desse texto para trazer uma breve trajetória da ex-jogadora e treinadora Ivete Maria Gallas.

Nascida em 4 de novembro de 1968, no interior da cidade de Montenegro, no Rio Grande do Sul, teve seus primeiros contatos com o futebol através de familiares e amigos, com uma família de 8 irmãos o futebol era a brincadeira favorita. Em entrevista concedida ao Centro de Memória do Esporte Ivete conta que aos 12 anos de idade começa a acompanhar uma de suas irmãs mais velhas aos treinos de futebol da equipe Tanac de Montenegro.

Disputando torneios regionais ela viu seu interesse por futebol crescer a ponto de vislumbrar a modalidade como uma possibilidade de profissão, e logo depois de um amistoso contra o Sport Club Internacional foi convidada a integrar a equipe de Porto Alegre. Nesse período Ivete relata que não havia muitos campeonatos de futebol para mulheres e em razão disso começa a praticar o futsal com o objetivo de competir, “porque futsal tinham campeonatos, torneios, tinham competições, torneio em Sapucaia, o metropolitano, tinham vários campeonatos e o campo nós não tínhamos competição. Nós queríamos



competir, a ideia é crescer competindo... e no Internacional nós treinávamos muito físico e não tinha quase competição” (GALLAS, 2015, p.01)

Após disputar o Campeonato Brasileiro pelo Inter, decidiu dedicar-se ao futsal e somente no ano de 1993 a Federação Gaúcha de Futebol anuncia a participação da Seleção Gaúcha para disputar o Campeonato Brasileiro, pois nesse período já não havia equipe de futebol de mulheres no Rio Grande do Sul que pudesse representar o estado na competição. Para formar a equipe foi realizada uma peneira no campo suplementar do Estádio Beira-Rio, na disputa entre várias candidatas Ivete foi escolhida para compor a seleção gaúcha.

Após conhecer Romeu Castro no Campeonato Brasileiro de Futsal, recebe o convite para integrar a Equipe do SAAD de São Paulo. Nesse período ela relata que dos campeonatos disputados pela equipe não havia um bom nível de competitividade, “nós treinávamos todos os dias em dois turnos então, fazíamos musculação, e pegava jogadoras que nunca treinavam, nós atropelávamos” (GALLAS, 2015. p. 05).



Maria Ivete Gallas, em entrevista concedida para o projeto Garimpando Memórias (2015).
Foto: Pamela Joras / CEME



Ao assistir a equipe juvenil do SAAD disputar um campeonato Ivete sugere que disputem torneios de futsal em São Paulo e então passa a comandar a equipe juvenil do SAAD, o trabalho repercutiu de tal forma que ela passou a treinar equipe Infantil e Juvenil e também a auxiliar a equipe adulta na qual jogava.

No ano de 1995 após sofrer uma grave lesão no joelho não conseguia acompanhar o volume de treinamento exigido pelo clube e então oficialmente passa a ser supervisora para em seguida tornar-se auxiliar da equipe principal do SAAD. Ivete conta que 48 atletas ocupavam a chácara do SAAD entre atletas do clube e da seleção brasileira de futebol feminino, que naquele período ocupava as instalações do SAAD da qual Ivete também passou a ser auxiliar do então técnico Zé Duarte.

Já na equipe do São Paulo em 1998, a instabilidade financeira vivenciada no futebol, e com o fechamento de alguns clubes Ivete opta por voltar a Porto Alegre e prestar alguns concursos públicos, não conseguindo se afastar completamente do futebol envolveu-se com a equipe do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e na véspera de disputar o Campeonato Gaúcho de 1999 abandona os gramados para dedicar-se a empresa de transporte público na qual trabalha até os dias de hoje.



Ivete Gallas, como auxiliar do São Paulo Futebol Clube, em 1997.
Foto: Acervo Pessoal Ivete Maria Gallas.

Em 2005 inesperadamente recebe uma ligação do ex-presidente do SAAD, Romeu Castro, e recebe uma proposta para treinar a seleção de futsal de mulheres do Irã para os IV Jogos Islâmicos, a dificuldade do idioma, as divergências com a auxiliar e a falta de preparador físico não impediu que a equipe sagra-se campeã dos Jogos com placares elásticos contra as demais seleções. Ao retornar a Porto Alegre é reconhecida em sua empresa pelo trabalho que realizou com o futebol e o futsal e é promovida a um cargo administrativo em que trabalha até os dias de hoje.

Ivete Maria Gallas é uma entre tantas mulheres que fizeram e fazem a história do futebol de mulheres no Brasil. Visibilizar e reconhecer suas histórias são além de um ato político e de empoderamento das mulheres por meio do esporte, a inspiração para



que continuemos nossas lutas em respeito a modalidade e as pessoas que ajudaram a construí-la.



Futebol Feminino e Jogos Olímpicos: em busca do sonho

Suellen Dos Santos Ramos

As expectativas para os Jogos Olímpicos do Rio 2016 aumentam conforme diminui o tempo para a sua abertura. Faltam poucos dias para que a bola role nos sete estádios das cidades sedes e se inicie a disputa pelo ouro olímpico. As Olimpíadas do Rio 2016 marcam 20 anos de participação das mulheres, ou seja, são apenas cinco ciclos olímpicos com a presença do futebol feminino no evento. As mulheres do futebol estrearam nas Olimpíadas de Atlanta em 1996, com a participação de oito seleções, incluindo o Brasil que ficou em quarto lugar, perdendo a disputa da medalha de bronze para a Noruega. Não há como falar em Jogos Olímpicos e não falar nos Estados Unidos, que de cinco edições ganhou quatro. Isso mesmo, quatro medalhas de ouro! E na edição que não conquistou o ouro levou uma medalha de prata para casa. Este monopólio americano pelo ouro olímpico e o desenvolvimento do futebol de mulheres ao redor do mundo me faz pensar: estamos preparadas para o ouro olímpico?

Algumas medidas foram tomadas em prol do futebol feminino brasileiro e do tão sonhado ouro olímpico, afinal, para qualquer atleta, independente do desporto, chegar ao topo do pódio é o ponto máximo a ser alcançado. As duas medalhas de prata conquistadas pelas brasileiras, nas Olimpíadas de Atenas 2004 e Pequim 2008, são consideradas um feito heroico, mas nenhum pouco planejado. Em torno de três anos atrás, pouco se falava ou até mesmo se pensava em planejamento no futebol feminino do Brasil, até que se vislumbrou a possibilidade de que sim, as meninas poderiam conquistar o ouro em solo brasileiro. Antes tarde do que nunca! Enquanto países como



Estados Unidos, Alemanha e Japão se desenvolviam e faziam crescer a modalidade, o Brasil permanecia estagnado, dependendo unicamente da força de vontade das suas jogadoras. Finalmente podemos dizer que este quadro mudou.

No ano de 2013, a CBF (re)ativou o Campeonato Brasileiro, que não acontecia desde 2001 e contou com a participação de 20 equipes de variadas localidades do país. Em janeiro de 2015, um salto que entrou para a história, a criação de uma Seleção Permanente que visava a preparação para a Copa do Mundo do Canadá, ocorrida no mesmo ano, e para os Jogos do Rio 2016. A criação desta equipe com jogadoras que atuariam exclusivamente para a seleção brasileira, de certa forma, lesou os clubes competitivos que perderam suas principais atletas para a CBF. Mas a permanência ou não dessas jogadoras na seleção e a migração das mesmas para outros países é assunto para um próximo encontro.



Darlene e Marta comemoram gol da seleção brasileira, em jogo contra a Austrália, na última partida antes da estreia nos Jogos Olímpicos de 2016.
Foto: Ricardo Stuckert/CBF.



Diferente das demais modalidades, o futebol não é disputado unicamente na cidade do Rio de Janeiro. Além da cidade carioca, Belo Horizonte, Brasília, Manaus e Salvador sediarão o torneio olímpico. As brasileiras já têm data, hora e local dos seus desafios, assim como sabem quem serão suas adversárias. São 12 seleções participantes, divididas em três grupos. Além do Brasil, o Grupo E conta com Suécia, China e África do Sul. Os conhecedores de futebol pensarão: “que barbada esse grupo”. Não para o futebol feminino meus amigos e amigas. Nossa jornada inicia dia 3 de agosto no Estádio Nilton Santos (RJ) contra a China, que passou pelo Pré-Olímpico eliminando a temida equipe do Japão (campeãs mundiais em 2011 e medalha de prata em Londres 2012). No dia 6, também no Rio de Janeiro, as brasileiras enfrentam a Suécia da técnica Pia Sundhage, que tem em seu currículo duas medalhas de ouro (Pequim 2008 e Londres 2012) e um vice campeonato mundial com a seleção dos Estados Unidos, além de ter sido eleita pela FIFA como a melhor treinadora no ano de 2012. E para finalizar a fase de grupos joga contra a equipe da África do Sul, dia 9, na Arena Amazônia, em Manaus.

A segunda fase inicia no dia 12 de agosto, e se tudo der certo, as brasileiras estarão lá disputando mais uma partida. As meninas vêm apresentando bom futebol e bons resultados durante este um ano e meio de preparação. Na Copa do Mundo do Canadá foram até as oitavas-de-final, conquistaram a medalha de ouro no Pan-Americano de Toronto em 2015 e ficaram em segundo lugar na Copa Algarve deste ano. Há quem diga que as meninas do Brasil “pipocam” nas finais de campeonato. Vejo simplesmente como falta de preparação e incentivo, visto que até então não havia estrutura suficiente para se projetar qualquer objetivo.



Atualmente, além de objetivo temos um sonho, que foi plantado lá nas Olimpíadas de Atenas em 2004, se perpetuou pelos Jogos de Pequim em 2008, passou em branco em Londres 2012, mas segue vivo até os dias hoje. Das duas vezes que batemos na trave, foram contra elas, as americanas. Ah! As americanas... Que tratam o ouro como patrimônio, atuais campeãs do mundo e olímpicas. Chega a dar um calafrio na espinha só de pensar nesse confronto, e que seja somente na final. Mas calma, ainda temos Marta, eleita cinco vezes a melhor jogadora do mundo, temos Cristiane, a maior artilheira dos Jogos Olímpicos e temos Formiga, que vai para sua sexta Olimpíada, única jogadora que disputou todas as edições do torneio. Ainda contamos com Andressinha, Mônica e Debinha, jogadoras de talento que compõem a nova geração. Nunca tivemos uma seleção tão bem preparada e, principalmente, planejada. Não estou desdenhando as outras gerações que tiraram água de pedra, mas esse grupo me faz imaginar que sim, é um sonho possível.



Sobre viver e torcer longe de casa

Luiza Aguiar dos Anjos

Se eu disser que cresci dentro de um estádio de futebol estarei mentindo. Atleticana, nasci em 1987, filha de uma mãe cruzeirense não-praticante e de um pai atleticano, porém calejado de ver bons times do Galo ficarem no quase, decepções essas que, verdade ou não, eram usadas como argumento para assistir os jogos na TV. Meu pai, assim, fez o suficiente pra que eu adotasse a identidade alvinegra, mas pouco me levava a campo.

Se a prática de ir ao estádio só foi possível a partir da juventude, desde cedo fui construindo meu gosto por ver jogos em grupo, entre tios e primas, depois também entre amigos e amigas ou até entre desconhecidos. Ainda hoje, quando ir a campo não é viável pelo motivo que for, estar entre atleticanos é uma alternativa suficientemente prazerosa.

Apesar de presar por essa prática de me reunir com outras pessoas para assistir ao Galo, nunca tinha prestado muita atenção na importância que esse ritual tinha pra mim. Até perdê-lo.

Eu, que sempre vivi em Belo Horizonte, me mudei para Porto Alegre em julho de 2014. Uma das primeiras providências que tomei ao chegar foi procurar uma comunidade no Facebook que reunisse atleticanos. Encontrei uma comunidade fechada com um número relativamente pequeno de integrantes e com a última postagem bastante antiga. Ainda assim esperançosa, enviei uma mensagem para a administradora do grupo perguntando sobre locais onde assistiam os jogos. A resposta demorou, veio meses depois, e afirmava que o grupo



não se reunia em nenhum local, mantendo apenas uma comunicação via whatsapp, a qual não fui convidada a ingressar.

Não bastasse ter que aceitar torcer sozinha, o Galo vivia um momento vitorioso e emocionante. Não ter com quem compartilhar aflições e alegrias era especialmente triste. Foi na sala de casa, geralmente sozinha, onde assisti toda Copa do Brasil daquele ano, na qual o Galo chegou ao título passando por Palmeiras, Corinthians, Flamengo e Cruzeiro, numa saga épica. No dia seguinte a cada um desses jogos chegava ao trabalho ansiosa para comentar com alguém, mas ninguém dava muita bola. Muitos não sabiam nem do resultado, os mais antenados tinham visto os gols ou, quando muito, os melhores momentos. Até hoje, ninguém sabe o que é a “quarta-feira do Goulart”¹⁰. E o pior, ninguém se importava! Por vezes elogiavam o espírito daquele time que acreditava até o último minuto, davam parabéns, mas efetivamente não estavam comemorando ou lamentando. Literalmente, não se importavam.

¹⁰ Na partida anterior à final da Copa do Brasil, o Cruzeiro sagrou-se campeão do Campeonato Brasileiro. Em meio à comemoração, a uma repórter de uma emissora de televisão, o jogador Ricardo Goulart fez a afirmação “Quarta-feira tem mais”, mostrando sua crença na vitória sobre o Atlético, que não aconteceu. A afirmação ainda hoje rende piadas por parte de atleticanos.



Torcida do Atlético, em jogo válido pela final da Copa do Brasil contra o Cruzeiro, no Estádio Independência, dia 12 de novembro de 2014.

Foto: Bruno Cantini / Clube Atlético Mineiro.

No dia em que conquistamos o título pendurei a bandeira do Galo e espalhei cartazes com o escudo do time e dizeres como “Aqui é galo” por toda a sala em que trabalho, um espaço compartilhado por aproximadamente vinte pessoas. Acharam engraçado, mas o dia seguiu como qualquer outro. Estava entre gremistas e colorado, meu gesto não ofendia absolutamente ninguém.

A inocuidade daquele gesto foi apenas mais uma evidência da polarização entre Grêmio e Inter que se vivencia na cidade de Porto Alegre, e possivelmente no restante do estado. Não importava que o título obtido tinha abrangência nacional e envolveu, em fases anteriores, as duas equipes gaúchas. A vitória atleticana não os feria diretamente. Nesse sentido, minha suposta tomada de posse do terreno alheio não teve sentido algum para aqueles que estavam a se preocupar apenas para o grande rival. As jocosidades, tão presentes nas interações



sociais mediadas pelo futebol, não são aleatórias. No meu caso, o Atlético não fazia parte daquele circuito, ocupado quase exclusivamente pela dupla Grenal, talvez aceitando esporadicamente a presença de algum outro clube gaúcho.

Assim, ao estar longe de casa, eu não tinha perdido apenas meus/minhas companheirxs de jogo, tinha – ao menos presencialmente – perdido a comunidade na qual minhas emoções futebolísticas circulavam.

2015 seguiu de forma similar ao ano anterior. O Galo indo bem ou indo mal, no dia seguinte não havia “resenha” nem zoação.

Cheguei a ir, também sozinha, aos jogos do Atlético em Porto Alegre. Assisti até a alguns jogos de categorias de base, hábito que não tinha em BH. Me mostrei bastante pé frio, inclusive, assistindo meu time perder todas as pelepas a que assisti. Esses poucos eventos, contudo, eram insuficientes para suprir o desejo de viver meu pertencimento clubístico.

Essa, todavia, não é uma história triste de uma torcedora solitária, mas um relato até meio meloso do reconhecimento da importância da sociabilidade que o futebol me proporciona, sobretudo agora que estou emigrada. Por aqui, essa sociabilidade começou quando conheci outros torcedorxs solitários como eu.



Comemoração do Atlético pelo título da Copa do Brasil 2014 sobre o Cruzeiro, no Estádio Mineirão, dia 26 de novembro de 2014.
Foto: Bruno Cantini / Clube Atlético Mineiro.

Jogadores do Atlético Mineiro comemoram a conquista da Copa do Brasil de 2014 sobre o rival Cruzeiro. Foto: Bruno Cantini/Clube Atlético Mineiro.

Num dia qualquer de meados de 2015 eu vinha caminhando nas redondezas do meu bairro com a camisa do Galo, quando ouvi um grito de “GALO!”. Acenei sem dar muita importância e segui meu rumo. Algum tempo depois, fazendo compras na Feira uma menina me interpela “Eu te conheço. Eu mexi com você um dia porque você estava com a camisa do Atlético”. Coincidência ou não, debaixo do casaco que eu usava estava a mesma camisa. Ficamos um tempo, eu, ela e o marido, batendo papo. Eles eram mineiros e atleticanos que há mais de dez anos viviam por aqui. Nos adicionamos no facebook.

Éramos vizinhos de bairro e vez ou outra cruzávamos o caminho uns dos outros. Numa dessas, já em 2016, o rapaz me disse que um



grupo de atleticanos estava se organizando para assistir jogos juntos e que iria me adicionar ao grupo de whatsapp criado.

A primeira convocação do grupo inicialmente nomeado como “Galo RS” foi para o jogo entre Galo e Melgar, no dia 17 de fevereiro, nossa estreia na Libertadores. Algo em torno de dez pessoas compareceram, o que foi suficiente para animar os demais. Hoje, mesmo em partidas vistas como pouco importantes ou interessantes, há representantes no bar que elegemos como nosso.

Demos muita sorte! Somos um grupo relativamente heterogêneo, que talvez não se tornasse um grupo sobre outras circunstâncias, mas a distância de casa e o amor pelo galo foi suficiente pra que nos tornássemos praticamente – e rapidamente – uma família. De maneira geral, estávamos interessados em conhecer uns aos outros e dispostos a ignorar certas diferenças que pudessem existir.

Encontramos também um bar ideal para nos receber. Um lugar agradável, com cerveja gelada a um preço honesto e, sobretudo, com um gerente gente boa e disposto a abrir as portas do bar mesmo nos domingos às 11h.

De lá pra cá fomos renomeados como “Trilegalo” e nos tornamos um Consulado do Atlético. Em nosso “QG”, já tivemos algumas vezes a presença de viajantes que queriam um lugar para assistir o Galo e nos encontraram na internet. Recentemente, também, dez de nós viajamos até Florianópolis para assistir o jogo contra o Figueirense, onde nos reunimos com os Consulados de Curitiba (Galotiba) e Joinville (Galoville), além de, nas arquibancadas, conhecermos grupos de torcedores da própria Florianópolis e de Camburiú. Para além das reuniões nas partidas do Atlético, também já realizamos quatro encontros/festas na casa de integrantes da torcida, certamente determinantes para fortalecer a união do grupo e a constituição de amizades que excedem o contexto do futebol.



Se não é novidade que o futebol se constitui como um fenômeno que media muitos modos de sociabilidade e em contextos bastante diversos, é interessante perceber as nuances que se dão em contextos como os da Trilegalo, sobretudo a partir da sobreposição entre o pertencimento clubístico e regional. E para além de qualquer reflexão acadêmica que essa experiência me traga, é muito bom ter um lugar em que eu possa me sentir em casa.



No “país do futebol”, se dá bola para as mulheres?

Mayara Cristina Mendes Maia

Em Atenas, na Grécia de 1896, ocorreu a primeira realização dos Jogos Olímpicos Modernos que contou apenas com as provas de atletismo, esgrima, luta livre, ginástica, halterofilismo, ciclismo, natação e tênis. O futebol já surge nos Jogos Olímpicos seguintes, em 1900. Mas, ainda como esporte de exibição nos Jogos Olímpicos de Paris e apenas na categoria masculina. Entrando, a partir de 1908, para o grupo dos esportes oficiais do quadro olímpico. Desde então, vem como prática esportiva que superou a fase de desconhecimento e adaptação, a fase amadora inicial e conta na atualidade com a participação de grandes nomes do futebol profissional do mundo. Apesar do grande histórico de conquistas do futebol masculino para o Brasil em diferentes eventos esportivos, o tão sonhado ouro olímpico chega para os jogadores brasileiros agora, em agosto de 2016, nos Jogos Olímpicos realizados no Rio de Janeiro. Já o futebol feminino não encontrou tais facilidades de se inserir nesse evento, alcançando seu ingresso tardiamente apenas em 1996. Diferente dos avanços cronológicos que a história do futebol masculino do Brasil já alcançou e se revela através da atual rede econômica e profissional dos envolvidos no esporte, o futebol feminino pelo Brasil ainda engatinha lentamente em seu processo de obtenção de investimento, apoio e reconhecimento antes nacional a nível profissional para as suas atletas.

A cada ano olímpico, ao futebol masculino, a torcida brasileira parece esperar nada menos de seus jogadores representantes do que a medalha de ouro para oferecer aos seus apaixonados a identidade de “país do futebol”, inspirada por pensamentos do identitário social



norteados pela compreensão de um futebol brasileiro enriquecido por “dons” que só os brasileiros possuem. Já para a categoria feminina, o futebol se apresenta a cada Jogos Olímpicos, por sua visibilidade internacional, como um espaço de busca da seleção brasileira e de seus apaixonados por uma medalha capaz de possivelmente trazer maiores valorizações profissionais para as jogadoras de futebol do Brasil. A seleção feminina do Brasil experimentou chegar a finais do evento em Atenas (2004) e em Pequim (2008), mas ainda não alcançou o tão sonhado ouro olímpico, ficando em quarto lugar no Rio de Janeiro (2016). Apesar dessa classificação, há muito do que se discutir sobre o fazer histórico do futebol feminino do Brasil que vem atualmente ganhando conhecimento maior sobre suas instabilidades e que reforçaram midiaticamente, o que os estudiosos da área já sabem, a necessidade crescente de maiores investimentos nesse esporte na categoria feminina.

Para quem acompanhou os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, ficou notório uma repercussão diferente para as mulheres atletas de maneira geral na mídia brasileira, por sua visibilidade midiática ter sido potencializada principalmente pelas diversas redes sociais e de maneira cada vez mais crítica almejando uma exibição que enfatizasse mais a história e a performance das atletas do que seus padrões de beleza. As Olimpíadas, desde a entrada das mulheres na competição, apareciam como espaço para as mulheres que vai além do caráter competitivo, servindo de lugar de luta social e política por afirmação no mundo esportivo. Os Jogos de Londres em 2012 entraram para a história, entre vários motivos, por terem contemplado o maior número de representação de mulheres na competição e pela presença delas em todos os esportes possíveis, além dos números melhores nos resultados de participação das mulheres brasileiras. Agora em 2016, estes Jogos realizados em nosso país conseguiram um aumento de divulgação da



imagem da atleta, utilizando os avanços dos percursos comunicacionais e midiáticos de livre acesso como vitrines para o mundo que exibiram a existência das capacidades das mulheres esportivas e o seu pertencimento nesse terreno culturalmente ainda perpetuado de desconfianças e desvalorização como nunca aconteceu antes. Mas, após o evento de porte mundial e apesar de toda essa conquista de reconhecimento momentâneo para as atletas do Brasil, os silêncios sobre o futebol feminino do Brasil vem retornando. Parece que elas só mereciam ganhar apoio se alcançassem o ouro.

A derrota da nossa seleção feminina no jogo contra a equipe do Canadá, no dia 14 de agosto, expressada no rosto e nas falas da Marta, jogadora profissional de futebol, brasileira respeitada e admirada em todo o mundo com o título de cinco vezes melhor jogadora de futebol do mundo, não representava apenas a compreensão da derrota de um jogo olímpico por parte da atleta. Mas o entendimento da perda de maiores reconhecimentos para a modalidade que poderiam surgir se o ouro olímpico, ou ao menos o bronze, tivesse sido alcançado. “Desculpa” e “Por favor, não deixem de apoiar o futebol feminino!” foram palavras que a Marta, entre o choro, conseguiu dizer para a transmissão da Globo após a equipe não conseguir o bronze. Um pedido que surge mais como um apelo emocionado da nossa melhor do mundo. Ela sabe muito bem que a derrota de hoje tem mais a ver com a desvalorização, o desrespeito e o descrédito dados a elas enquanto jogadoras profissionais e às outras jogadoras de futebol do Brasil que impossibilita um trabalho melhor e a longo prazo, do que com toda a habilidade, a determinação e o empenho que essas jogadoras colocaram desde o início da competição.



Jogadoras da seleção brasileira lamentam derrota para a Suécia nos pênaltis, na semi-final dos Jogos Olímpicos de 2016, no Estádio Maracanã, Rio de Janeiro (RJ), dia 16 de agosto de 2016.

Foto: Ministério do Esporte

O pedido de desculpas deveria ser nosso às jogadoras. Enquanto as jogadoras brasileiras faziam gols, a torcida do Brasil comemorava o resultado imediatista esperado por ela e vibrava ansiosa pelos próximos jogos, mas sem conhecer os percursos históricos do futebol feminino no Brasil. Quando a ausência de gol chegou e depois, a derrota, o primeiro movimento divulgado pensando em modificações foi a provável desestruturação da seleção permanente criada no início do ano de 2015 pela CBF. A verdade, no caso do futebol feminino, é que esse quarto lugar foi uma batalha de poucos. Além das jogadoras, de sua equipe técnica, sabemos que existe estudiosos, ex jogadoras e pessoas que conhecem a história desse esporte e estão lutando também do lado de fora dos gramados por mais valorização. Mas em comparação ao número do povo brasileiro, sabemos bem que não foi uma caminhada



de uma nação. A torcida surgiu agora, no momento do jogo (e que bom que ao menos nesse momento surgiu. A esperança é que se multiplique para campeonatos pequenos e grandes). Mas no momento de maiores apoios financeiros, psicológicos e tantos outros investimentos e visibilidade que seriam fatores decisivos de longo prazo para uma equipe mais qualificada dentro do nível de uma Olimpíada, essa mesma nação representada por brasileiros, muitas vezes, virou às costas.

A existência de clubes de futebol com times de mulheres pelo Brasil demonstra o interesse nacional por esta prática, não só pelos homens, mas também pelas mulheres. Knijnik e Vasconcelos (2006), afirmam que o futebol, realizado por homens e também por mulheres é, indubitavelmente, parte integrante e simbólica de manifestações culturais de norte a sul do Brasil. Ligas e campeonatos existem, tanto a níveis locais como nacionais e internacionais. É fundamental apoiar os campeonatos menores para que a modalidade consiga sobreviver e se desenvolver pelo país. Mas a qualidade dos eventos, a falta de divulgação e a instabilidade de permanência da existência de clubes de futebol com times de mulheres no Brasil muitas vezes desqualifica e descaracteriza o papel representativo e profissional das jogadoras de futebol do país. A realidade mais presente de muitas jogadoras de futebol do Brasil que não alcançam títulos em competições nacionais e internacionais se enquadra em jogadoras que jogam pela paixão ao esporte ou recebem apenas ajuda de custo para treinos e jogos.



Jogadoras brasileiras perfiladas enquanto Marta cobra o pênalti na semifinal dos Jogos Olímpicos de 2016, contra a Suécia, dia 16 de agosto de 2016.
Foto: Ministério do Esporte.

Se percorrermos em direção às exibições do futebol de mulheres pela TV ou em jornais, Gregory (2014) afirma que estas ocupam um tempo irrisório nos noticiários esportivos, sendo pouquíssimas competições e campeonatos transmitidos e/ou divulgados. “O Brasil tem um número enorme de mulheres que jogam futebol. 400 mil que o praticam regularmente, conforme o Atlas do Esporte”. (GREGORY, 2014, p. 13). Deveria ser uma modalidade já considerada culturalmente pelo país como espaço também para as mulheres. Mas, “é nessa modalidade que as desigualdades de gênero se somam com mais força às desigualdades de classe e étnico-raciais”. (GREGORY, 2014, p 13). A justificativa inicial se encontra no fator histórico da entrada da mulher nesse esporte, carregado de impedimentos e proibições. Os poucos dados que se apresentam com maior recorrência na televisão se especificam na maioria das vezes sobre informações da seleção brasileira, com nenhum ou pouquíssimo investimento na história e nos



acontecimentos de clubes locais e times de representatividade municipal, estadual ou regional. Times estes que comportam a grande maioria das jogadoras de futebol do Brasil.

A Copa do Brasil de futebol feminino de 2016, contando com 32 clubes participantes, começou em agosto e ainda continua muito silenciada. Infelizmente, ainda não há confirmações de emissoras que transmitam as partidas. A TV Brasil e o SporTV são as emissoras encarregadas de transmitir esses jogos, mas não se posicionaram a respeito. Os jogos estão ocorrendo nos principais estádios do Brasil com divulgação de suas tabelas na página da CBF e em diversas redes sociais, como a página no facebook da Olga Esporte Clube. Esta é a nona edição do campeonato que tem como favorito o time do Flamengo, campeão do Campeonato Brasileiro feminino de 2016. As campeãs da Copa do Brasil garantirão, além da taça, uma vaga para disputar a Copa Libertadores da América de Futebol Feminino de 2017.

O que esperar do futebol feminino do Brasil nas próximas competições mundiais? Se queremos o ouro, queremos opinar sobre as condições de atuações das jogadoras e bater no peito, nos sentindo tão em campo representados por “guerreiras”, temos que ser torcedores e apoiadores também presentes, incentivar a longo prazo, abrir as portas das escolas e oferecer possibilidades de meninas também correrem atrás da bola, marcarem gols e realizarem lindas defesas com outras meninas e com os meninos também, investir em políticas públicas que incentivem projetos sociais, escolinhas de base até a fase adulta, campeonatos a níveis desde locais a internacionais e planos de carreira. Desse modo, poderemos realmente sonhar com as próximas oportunidades de ouro desde hoje para o futebol feminino de todo o Brasil. Inseridos assim, portanto, como um país mais próximo de honrar com seu título de país do futebol para qualquer brasileiro, sem



sermos hipócritas, poderemos gritar a todo momento, “eeeeu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amooooor”.

Referências

GREGORY, Beatriz Helena Matté. Esporte e lazer: direitos de meninas e mulheres de todas as idades. In.: BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. Edição especial. 1ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2014. 80p.

KESSLER, Cláudia Samuel. Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos EUA. Tese de doutorado. 2015. UFRGS. Porto Alegre: RS. 2015.

OLGA ESPORTE CLUBE. Programação da Copa do Brasil. 24 de agosto de 2016. Disponível em: <<<https://www.facebook.com/Olgaesportecolube/photos/a.561285747372446.1073741828.507295399438148/644885249012495/?type=3>>>. Acessado em: 24 de agosto de 2016.



Deixa a menina jogar

Laura Giovana Andrade

A cara do futebol feminino mostra-se quando, no vão da sorte, este é capaz de impressionar mais que o masculino, infelizmente. E que os Jogos Olímpicos não me deixem mentir! Uma cara, por vezes sofrida, de muitos anos de reclusão midiática e que hoje ganha alguma visibilidade pelo árduo trabalho feminista de empoderar.

Vendo esse estigma, enfim, cair, aos poucos, por terra, decidi visitar uma escola estadual da cidade onde moro para ver o que as crianças pensam sobre isso. Lá observei algumas aulas, recreios, vivências e por fim, conversei com algumas alunas entre 8 e 10 anos sobre o que elas pensavam especificamente sobre o futebol. Perguntei se estas gostavam de futebol e o que achavam daquelas que jogavam.

De forma nada surpreendente, boa parte delas disse gostar sim de futebol e que inclusive jogava na Educação Física ou em casa com os irmãos mais velhos. Para elas, jogar futebol não é nada mais que divertido – assim como qualquer coisa deveria ser. Uma delas disse singelamente: “Ah, prof, eu até gosto de jogar futebol, mas teve uma vez que eu levei uma bolada na cara e outra vez me derrubaram. Eu gosto mais de jogar vôlei por isso.” Argumentei com ela dizendo que isso acontece e que com o tempo ela iria aprender a desviar dos chutes. Abriu-se um sorriso.

Perguntei também se elas tinham amigas que jogavam futebol. As respostas foram animadamente jogadas no ar em uma espécie de disputa. “Eu tenho duas!” “Eu tenho 4” “Eu tenho 6” ... E por mais que eu suspeitasse do alto número, desejei que este fosse realmente a



quantidade de meninas que jogam futebol e que este número fosse tão real quanto a animação delas.



Treino da seleção brasileira no Centro de Futebol Zico, dia 5 de agosto de 2016.

Foto: Ricardo Stuckert/ CBF.

Surgiram histórias também: “Prof! Eu jogo com os meus irmãos, mas eles não passam a bola. Aí eu jogo no gol!”, “Prof! Eu já fiz um gol com a cabeça!” e “Prof! Eu jogo com a Maria na Educação Física e semana passada o nosso time ganhou do time do João”. E assim elas iam, contando histórias e vontades. Contaram também que a Educação Física da escola permite que elas joguem sem maiores questionamentos e que muitas vezes é o único espaço disponível para isso já que a disputa pela rua com os carros e pedestres é bastante injusta. E nesse momento torna-se impossível sustentar a ideia de que medidas como as que correm pelo país tenham vez. Como admitir a ideia de que a



educação é supérflua a ponto de sofrer cortes de investimento? No entanto, não entro aqui em discussões políticas, apenas questiono o fato de que, com essas mudanças, talvez as crianças do futuro não sejam como estas que felizes na minha frente contam sobre as experiências futebolísticas que tiveram.

Por fim, perguntei o que elas achavam de meninas jogando futebol, dessa vez direcionando a pergunta a cada uma delas. A primeira que obtive foi de cara a que mais me impressionou: “Quem gosta de jogar futebol pode jogar futebol. Não precisa ser menina ou menino. Todo mundo pode, prof!”. E pode! E deveria ter a chance de continuar fazendo o que gosta e, como disse a próxima menina que eu perguntei, “porque se tu não fazes o que gostas, não é feliz!” E como faltam pessoas fazendo o que gostam, não é?

Dessa forma, recito Fernando Pessoa: “O entendimento dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do intérprete qualidades. Sem elas os símbolos serão para ele mortos, e ele um morto para eles”. E não seria para elas o futebol um símbolo sem significado algum se as experiências tivessem sido outras? Não seriam elas para o futebol completas estranhas, destinadas a outras ações que não as de jogadoras, caso o pensamento sexista ainda em vigor em alguns lugares e mentes vigorasse sobre elas? E entristece-me dizer que muito provavelmente sim. Por isso, deixo aqui um grito que ouvi de uma professora nos corredores dessa escola: “Deixa a menina jogar!”.



Autoras/es

Ayllu Acosta

Graduada em Educação Física (UFRGS).

Claudia Yaneth Martínez Mina

Mestre em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Professora da Corporación Universitaria del Caribe (CECAR) – Sincelejo, Sucre (Colômbia).

Isabela Lisboa Berté

Mestre em Ciências do Movimento Humano (UFRGS), Graduada em História (UFRGS).

Laura Giovana Andrade

Graduanda em Educação Física (UFRGS).

Luiza Aguiar dos Anjos

Doutoranda em Ciências do Movimento Humano (UFRGS), Mestre em Lazer (UFMG), e Graduada e Licenciada em Educação Física (UFMG). Professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ).

Luiza Loy Bertoli

Graduanda em Educação Física (UFRGS).

Mayara Cristina Mendes Maia

Doutoranda em Ciências do Movimento Humano (UFRGS), Mestre em Estudos da Mídia (UFRN) e Graduada em Educação Física (UFRN).



Suellen dos Santos Ramos

Mestre em Ciência do Movimento Humano (UFRGS) e Graduada em Educação Física (UFRGS). Preparadora física do Sport Clube Internacional.

Pamela Siqueira Joras

Doutoranda e Mestre em Ciências do Movimento Humano (UFRGS) e Graduada em Educação Física (UFSM).

William Charles Osório Gomes

Graduando em Educação Física (UFRGS)



Centro de Memória do Esporte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rua Felizardo, 750

Jardim Botânico

Porto Alegre - RS

90690-200

Tel: (51) 3308-5879

ceme@ufrgs.br

VISITE NOSSO SITE:

www.ufrgs.br/ceme

VISITE NOSSO REPOSITÓRIO DIGITAL:

<http://www.repositorioceme.ufrgs.br>

Este livro se constitui em um e-book produzido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História vinculado ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS em Porto Alegre (RS) em 2018